



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO.

**AS DIVERSAS POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS NO ENSINO DE
GEOGRAFIA: uma análise das práticas geográficas na escola.**

Elisangela Alves da Silva

**GUARABIRA-PB
Dezembro/2010**

ELISANGELA ALVES DA SILVA

**AS DIVERSAS POSSIBILIDADES METODOLOGICAS NO ENSINO DE
GEOGRAFIA: uma análise das praticas geográficas na escola.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em Geografia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de
Licenciado em Geografia.

**Orientadora: Prof^ª. Mst. Regina Celly
Nogueira da Silva.**

**GUARABIRA-PB
Dezembro/2010**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S587d

Silva, Elisangela Alves da

As diversas possibilidades metodológicas no ensino de geografia: uma análise das práticas geográficas na escola / Elisangela Alves da Silva. – Guarabira: UEPB, 2010.

77f. Il. Color.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso - TCC) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Regina Celly Nogueira da Silva”.

1. Geografia - Ensino 2. Ensino Fundamental
3. Professor I.Título.

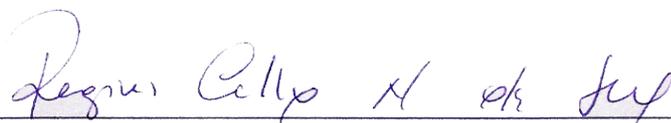
22.ed. CDD 372.891

ELISANGELA ALVES DA SILVA

**AS DIVERSAS POSSIBILIDADES METODOLOGICAS NO ENSINO DE
GEOGRAFIA: uma análise das praticas geográficas na escola.**

Monografia apresentada ao Curso de
licenciatura plena em geografia da
Universidade Estadual da Paraíba.

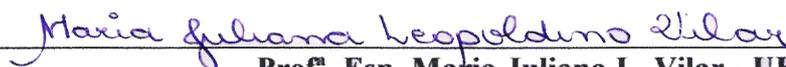
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Mst. Regina Celly Nogueira da Silva (orientadora) - UEPB



Prof.ª Esp. Clélma Maria Toscano Henriques - UEPB



Prof.ª Esp. Maria Juliana L. Vilar - UEPB

Guarabira, 14 de dezembro de 2010.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha tia Helena, que com perseverança sempre acreditou na minha capacidade. A meu esposo Erivelton que sempre me apóia e não me deixa fraquejar, e a meu filho Erick Miguel que com seus onze meses de vida já me ensinou coisas que não aprendi em vinte e oito anos. A eles meu eterno amor.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus. Agradecer por existir e por ele me permitir concluir mais uma etapa importante na minha vida. Agradecer por ele ser tão misericordioso para quem nele espera e confia.

Aos meus pais (in memoriam) agradeço por ter me concedido à vida e por ter dado início a minha formação intelectual.

Agradeço a minha família por confiar na minha capacidade e por me incentivar nas minhas escolhas, por estarem sempre ao meu lado, vibrando comigo nas minhas conquistas e me apoiando nos momentos de frustração, a eles meu muito obrigado.

Ao meu esposo Erivelton, agradeço pelo seu amor e pela sua dedicação, agradeço por ter dado um novo sentido a minha vida, me mostrando a cada dia que o amanhã sempre será melhor. Obrigado por ser meu alicerce meu porto seguro, meu eterno amor.

Ao meu amado filho Erick Miguel, por me mostrar a grandeza do amor no olhar. Por me amar e por em tão pouco tempo ter me ensinado coisas que levaria a vida inteira pra aprender, meu infinito amor.

A minha tia e mãe Helena, todo o agradecimento é pouco. Agradeço por ter me acolhido, por ter me ensinado e por ter me formado. Tudo o que sou e o que quero ser devo a ela. Agradeço pela paciência, pelas noites mal dormidas, pelos conselhos enfim, por tudo especialmente por acreditar em mim. Obrigada

A minha cunhada Elôiza, sem a qual não sei como teria concluído esse curso, agradeço a confiança em mim depositada, dedico essa conquista a você.

A minha amiga Rebeca, agradeço a amizade que foi se formando ao longo do curso e agradeço por ter contribuído para minha formação científica.

A professora Regina Celly, agradeço a dedicação e credibilidade, paciência e disponibilidade. Obrigada por me acompanhar nessa conquista tão importante.

A escola Cenecista São José que me abriu espaço para realizar minha pesquisa, tornando assim possível a conclusão deste trabalho.

A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuiu para a realização deste trabalho. A todos meus sinceros agradecimentos.

Inteligência não é possuir todas as ferramentas. Inteligência é possuir poucas (para andar leve) e saber onde encontrar as que não se têm, na eventualidade de se precisar delas. Sabedoria não é ter. É saber onde encontrar.

Rubem Alves.

043-GEOGRAFIA

SILVA, Elisangela Alves da. **As diversas possibilidades Metodológicas no ensino de geografia: uma análise das práticas geográficas na escola.** Guarabira, departamento de História e Geografia, UEPB, 2010.

Orientadora: Mst.Regina Celly Nogueira da Silva

Examinadores: Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques

Esp. Maria Juliana L. Vilar

RESUMO

A formação do aprendizado geográfico na escola vem vencendo desafios de desmistificar ensino tradicional e nos permite realizar diversas práticas motivadas pelos os professores de geografia em redescobrir os recursos didáticos que podemos utilizar em sala a fim de desenvolver formas de facilitar o aprendizado dessa ciência extremamente complexa. A pesquisa parte de uma experiência realizada na escola cenicista São José localizada em Campina Grande no distrito de São José da Mata-PB, no intuito de resgatar o prazer de estudar geografia e mitigar as dificuldades peculiares apresentadas pelos alunos do fundamental II em localiza-se e Orientar-se se utilizando os mais diversos procedimentos metodológicos e recursos didático nas aulas de Geografia a partir do conhecimento pré-existente do aluno na busca de fomentar um novo aprendizado na disciplina de geografia na escola. Objetivou-se dessa forma analisar o ensino de geografia e as suas diversas práxis realizadas nos espaços escolares, e refletir sobre a importância dessa disciplina enquanto construção do saber do aluno, ser humano e cidadão, visto que a geografia permite uma análise mais completa no que se refere ao espaço. Junto a tais intenções a pesquisa partiu inicialmente de uma revisão bibliográfica que afirmou a veracidade da importância do ensino de geografia e suas diversas práxis nas escolas, visto que a escola é o provedor o espaço que entende-se como espaço que produz o saber, além de entrevista com a professora de geografia da escola, além da aplicação de questionários aos alunos, as entrevistas e os questionários revelaram que tanto os alunos e a professora estavam imensamente satisfeitos com o novo formato de aula aprender e ensinar geografia. Para tanto o ensino de geografia é inerente a novas formas dinamizar e construir didático e pedagógico o ensino aprendizagem de geografia.

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Geografia. Professores.

043-GEOGRAFIA

SILVA, Elisangela Alves da. **As diversas possibilidades Metodológicas no ensino de geografia: Uma análise das práticas geográficas na escola.** Guarabira departamento de História e Geografia, UEPB, 2010.

Orientadora: Mst.Regina Celly Nogueira da Silva

Examinadores: Esp. Cléoma Maria Toscano Henriques

Esp. Maria Juliana L Vilar

ABSTRACT

The formation of Geographic learning in school is winning the challenge of demystifying the traditional teaching and allows us to perform various practices motivated by Geography teachers to rediscover the teaching resources we can use in the classroom in order to develop ways to facilitate the learning of this extremely complex science. The research part from an experiment conducted in Cenequista São José School, located in the district of São José da Mata – Campina Grande, in order to redeem the pleasure of studying Geography and mitigate the peculiar difficulties presented by students of Fundamental Level II to locate and gearing up themselves. Many different methodological procedures and teaching resources were used in geography lessons from the pre-existing students' knowledge in search of a new foster learning in the discipline of Geography. The aim is thus to analyze the teaching of Geography and its various practice carried out in school spaces, and reflect on the importance of this discipline while building the student knowledge, human being and citizen, because of Geography allows a more complete analysis in reference to the area. Along with such intentions the search parted initially from bibliographic reviews which said that the veracity of the importance of the Geography teaching and its various practice in schools since the school is providing the means to build in the student the perception of space. An interview was made with the Geography teacher of the Fundamental Level II as well as the application of questionnaires to students. Results showed that both students and teacher were extremely pleased with the new format of learning and teaching Geography. Didactically the teaching of Geography is inherent in the new ways to energize and build didactic and pedagogically the teaching and learning of Geography.

Key Words: Teaching. Geography. Teachers

1. LISTA DE FIGURAS

FIGURA 00 Aula de Geografia com uso do mapa	19
FIGURA 01 Aluno e material didático.....	19
FIGURAS 02 e 03 Laboratório de Geografia.....	21
FIGURAS 04 e 05 Aulas de Geografia no LAGEO	22
FIGURAS 06 Mapa Mundi (Mapa central no Laboratório de Geografia).....	22
FIGURA 07 Desenho de representação das camadas geológicas da terra.....	32
FIGURA 08 Desenho de representação do interior da casa.....	34
FIGURA 09 e 10 Desenho de BR 230 no distrito São José da Mata.....	35
FIGURA 11 Desenho da rua.....	36
FIGURA 12 Desenho de representação da Paisagem Urbana. (Cidade).....	37
FIGURA 13 Desenho de representação da paisagem rural (campo).....	37
FIGURA 14 Desenho de representação da paisagem rural (campo).....	38
FIGURA 15 Vale do Rio Paraíba.....	49
FIGURA 16 Baixo curso do Rio Paraíba.....	50
FIGURA 17 Centro Histórico, à esquerda Mosteiro de São Francisco.....	51
FIGURA 18 Terraço do Hotel Globo com vista para Rio Sanhauá.....	51
FIGURA 19 Rio Sanhauá.....	51
FIGURA 20 Casa da Pólvora.....	51
FIGURA 21 Ponto mais Oriental das Américas.....	52
FIGURA 22 Farol de Cabo Branco.....	52
FIGURA 23 Alunos em Ponta dos Seixas.....	53
FIGURA 24 LOGEPA (Maquete do Estado da Paraíba).....	54
FIGURA 25 e 26 Aula pelo monitores do Laboratório (LOGEPA).....	55
FIGURA 27 Estuário do Rio Paraíba/Carta topográfica 1976.....	56
FIGURA 28 Alunos CNEC (Estuário Rio Paraíba).....	56
FIGURA 29 Pôr do Sol Praia do Jacaré.....	56
FIGURA 30 Alunos Cnec (Pico do Jabre).....	59
FIGURA 31 Pico do Jabre (vista de vários municípios da região).....	59
FIGURA 32 Topografia da região pelo Pico do Jabre.....	59
FIGURA 33 Serra de Teixeira (Pedra do Tendo).....	60
FIGURA 34e 35 Patos (Inserbergues).....	61
FIGURA 36 Estância Termal Brejo das Freiras (Banho de Argila Medicinal).....	62
FIGURA 37 Pegadas dos dinossauros (Vale dos Dinossauros).....	63
FIGURA 38 Vale do Rio do Peixe.....	63
FIGURAS 39 Alunos CNEC no Vale dos Dinossauros.....	63
FIGURA 40 Réplica de Dinossauro.....	63

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	10
2 - LABORATÓRIO DE GEOGRAFIA, UM ESPAÇO IMPORTANTE NA ESCOLA.....	14
2.1 A geografia no contexto cartográfico.....	15
2.1.1 Cartografia como mediadora no ensino da Geografia.....	17
2.2 A construção do espaço geográfico na escola.....	17
2.2.1 Propostas práticas e pedagógicas do Laboratório de Geografia na escola.....	22
2.2.2. Escola, Geografia x Cartografia.....	25
3 - REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS UM RECURSO FUNDAMENTAL NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA.....	27
3.1 O desenho e a geografia.....	28
3.2 O desenho uma prática geográfica em sala.....	30
4 - TRABALHO PEDAGÓGICO EXTRA CLASSE (AULA DE CAMPO), UMA VIVÊNCIA DO ESPAÇO HABITADO AO DESCONHECIDO.....	40
4.1 O trabalho de campo, uma necessidade como prática pedagógica na escola.....	42
4.2 A realização do campo uma vivência do espaço habitado ao desconhecido.....	45
4.2.1 As paisagens do agreste ao litoral paraibano.....	46
4.2.2 O Sertão “paisagem do interior”.....	57
5.CONCLUSÃO.....	65
REFERÊNCIAS.....	67
APÊNDICE.....	71

1. INTRODUÇÃO

Compreender que a geografia é uma das ciências que nos leva a uma visão mais ampla do espaço em que vivemos é essencial no curso do nosso desenvolvimento intelectual, pois é através dessa ciência que se chega a uma concepção mais clara e evidente da construção do espaço na relação sociedade x natureza. Todavia, ao longo das décadas, vários estudiosos fizeram análises sobre o que seria a geografia e qual o seu objeto de estudo, uma vez que essa ciência permeia vários âmbitos de origem natural e social.

A geografia, por muito tempo, esteve interligada aos conhecimentos históricos, principalmente aos que tratam da disciplina escolar; os saberes geográficos apresentavam-se muito antes da geografia enquanto ciência, sobretudo, nos espaços residenciais e entre conversas, o que sinalizava a importância dessa ciência e disciplina para nossa vida, de modo que, conhecer e reconhecer os espaços, lugares, paisagens e a formação dos territórios são, exclusivamente, méritos da geografia que trabalham essas categorias.

Este trabalho parte, sobretudo, de uma análise acerca do ensino de geografia e as suas diversas práxis realizadas nos espaços escolares, e faz uma reflexão sobre a importância dessa disciplina no processo de construção do saber geográfico do aluno ser humano e cidadão.

A pesquisa também aborda os processos históricos da geografia, considerando o processo de institucionalização da disciplina e ciência geográfica no Brasil, discute-se também a maneira pela qual a Geografia transitou, principalmente no que se refere à disciplina de geografia e aos paradigmas rompidos e criados durante os séculos passados e atuais.

Desta forma, entende-se que, diante desses processos, os diversos procedimentos metodológicos, as práticas no ensino de geografia foram reavaliados e reutilizados, no entanto de forma aprimorada e renovada, tais como: a utilização de recursos didáticos como mapas, desenhos, trabalho de campo e de contemporâneos, recursos como os laboratórios de geografia nas escolas. Nessa perspectiva, o trabalho propõe analisar a importância da aplicação das “novas” práticas no sentido de dinamizar o ensino de Geografia nessa nova roupagem enquanto geografia crítica e teóricamente construtivista, além de minimizar os problemas a título de aprendizado geográfico iniciado nas séries iniciais do fundamental I, sendo protelado ao fundamental II, no que diz respeito às séries de 6º a 9º ano, principalmente os conteúdos Localização e Orientação Geográfica. Nesse contexto, é impossível negar a necessidade de realizar projetos disseminados a partir de práticas pedagógicas em geografia no âmbito escolar, ao passo que essa práxis enriquece a maneira pela qual ocorre o desenvolvimento dos

conhecimentos, especialmente, quando se refere a aprender, a viver e entender o espaço vivido e por ele habitado pela mágica da Geografia escolar.

Na realização deste trabalho foi escolhida a escola Cenecista São José localizada no distrito de São José da Mata localiza-se às margens da BR-230 e dista 12 km da porção leste do município de Campina Grande-PB, com limites ao norte Puxinanã, a oeste Boa Vista, com altitude média de 550 metros acima do nível do mar, localizada no planalto da Borborema. A escola compõe a rede de escolas filantrópicas CNEC – provendo a educação infantil, fundamental I e fundamental II e médio. A escola foi fundada em 25 de março de 1975 pelo professor Felipe Tiago Gomes e Maria Araújo Mota residente e professora no distrito, com a filosofia de promover a educação para os mais carentes.

A rede de Escolas Cenecista é advinda do movimento de educação comunitária existente na América Latina. Surgiu em 29 de julho de 1943, no Recife - PE, do ideal de um grupo de estudantes universitários, liderados por Felipe Tiago Gomes, como se sabe, naquela época, era um privilégio dos ricos estarem na escola, devido a essa inquietação o professor Felipe Tiago Gomes (na época era universitário) junto a um grupo de estudantes resolveu oferecer ensino gratuito aos pobres, nascendo a primeira unidade do sistema, chamada de Campanha de Escolas Comunitárias.

AZEVEDO (2006) afirma que a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC) é um movimento que surgiu do seio da própria sociedade, no ano de 1943, na cidade de Recife/PE, se ampliou por todos os Estados do Brasil e se faz presente até hoje na maioria deles. Essa alternativa educacional foi criada, tendo como um de seus principais objetivos colaborar de forma a sensibilizar a sociedade e o governo, criando alternativas para minimizar a dificuldade do filho do Trabalhador - seja da área rural ou urbana - de ter acesso a um ensino de qualidade, apesar de todo o quadro social, político e econômico que se apresentava no Brasil. Na década de 40, quando surgiu a CNEC, não havia escolas em quantidade e qualidade para atender a todos, com condições que pudessem ser assumidas pelas próprias famílias.

No que refere-se à discussão de métodos e metodologia em torno da pesquisa foi realizada neste trabalho o método científico dedutivo participativo, pois a todo momento da pesquisa eu quanto autora estive presente Além deduzir a parti do discurso dos alunos que estas práticas pedagógicas aplicadas eram eficazes no processo de ensino aprendizagem em geografia.

A pesquisa parte de uma problemática constatada na Escola Cenecista São José, onde os alunos apresentavam enormes dificuldades em localização e orientação, o que levou à

realização de diversas práticas de ensino por parte da professora de geografia no intuito de sanar essa problemática.

Desta forma, o trabalho constituiu-se a partir das observações realizadas por meio das práticas do qual a pesquisa procede por dedução de que as práticas analisadas de ensino em geografia seriam eficazes no sentido de otimizarem os problemas no processo de ensino aprendizagem de Geografia.

Considerando a escolha do método para a realização da pesquisa, na intenção de alcançar os objetivos do trabalho em torno da discussão, utilizaram-se os seguintes procedimentos metodológicos: no primeiro capítulo foi realizada a produção e revisão bibliográfica no intuito de compreender a influência do ensino de Geografia no Brasil e nos espaços escolares, relacionando-os aos processos de evolução da disciplina de geografia ao longo da história da educação e do ensino de Geografia escolar brasileira.

Os próximos capítulos contemplam as práticas inerentes ao ensino de Geografia em que se delimitaram as análises das técnicas realizadas na Escola Cenecista São José, localizada no distrito de São José da Mata na cidade de Campina Grande-PB, por meio das práticas realizadas a fim de sanar a problemática apresentada pelos alunos do ensino fundamental II, na disciplina de Geografia na escola, por desconhecer os sentidos de localização e Orientação, o que provocou a professora a realizar um projeto para mitigar os problemas apresentados pelos educandos. O projeto referido, por sua vez, contempla três procedimentos: A criação do Laboratório de Geografia através da Cartografia temática, as técnicas didático-pedagógicas realizadas em sala de aula por meio dos desenhos com os alunos do 6º e 7º ano, e o trabalho de campo. Esses procedimentos foram divididos em três capítulos.

O primeiro Capítulo aborda a necessidade de um espaço para o ensino de Geografia, no caso, o laboratório de geografia, construído juntamente com o corpo discente e docente da escola colaborando para o processo de ensino aprendizagem do aluno por meio do projeto Cartografia, “Um novo olhar Geográfico”. A discussão neste capítulo é pautada no quanto é importante a escola construir espaços a fim de dinamizar os saberes atraindo o aluno ao aprendizado de forma interativa, e valorizar o próprio espaço escolar no sentido de recursos didático-pedagógicos.

Posteriormente ao segundo capítulo, estabeleceu-se a ligação das práticas difundidas por meio dos projetos criados na escola e da construção do Laboratório de Geografia na Escola, onde se discute a importância dos recursos didáticos como: desenhos, mapas, croquis e maquetes como uma forma de alfabetizar cartograficamente o aluno e trazer a geografia para

a sua realidade a partir de uma abordagem da categoria espaço e paisagem em sala por meio de roteiros e desenhos como um dos principais recursos didáticos no processo de ensino aprendizagem do educando.

No terceiro capítulo analisou-se a importância do estudo do meio para geografia enquanto ciência e disciplina escolar, o trabalho de campo, como prática enriquecedora na construção do conhecimento geográfico a partir do empirismo, ou seja, do conhecimento adquirido pelas experiências práticas, em que foi proposto pela professora da Escola Cenecista São José como mais uma ferramenta ou método didático na aproximação ao entendimento do espaço geográfico, desde o particular ao geral, contemplando os mais diversos conteúdos, sobretudo, aproximando-o da sua realidade enquanto nordestino e paraibano nas suas diversas paisagens.

Os respectivos capítulos apresentaram discussões acerca das práticas pedagógicas no ensino de Geografia concernentes ao processo de efetivação no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem da geografia nos espaços e escolares nas séries do ensino fundamental II, sendo realizadas diversas temáticas no sentido de práticas aplicáveis nas escolas pelos professores, de forma geral, no ensino básico, uma vez que a reutilização de formas práticas, técnicas devem ser repensadas no intuito de promover uma concepção mais completa da geografia e sua práxis nos espaços escolares, como será abordado no decorrer do processo de produção desse trabalho.

2. LABORATÓRIO DE GEOGRAFIA, UM ESPAÇO IMPORTANTE NA ESCOLA.

Escola é um espaço vivo, onde reúne vários universos contextualizados pelas crianças, adolescentes que ali estão para aprender, de forma prazerosa e não enfadonha triste e sem vida; é, na escola, que o aluno constrói sua história, afinal, 30% do dia estão contidos na escola. É bem verdade que, ao longo da história, a escola teve várias funções, religiosa, opressora e alienadora esquecida e supervalorizada. Todavia, esse espaço sempre foi um lugar de conhecimento, mesmo que esse modelo de conhecimento tenha sido por muito tempo um modelo apenas transmissor, ou, como o termo freiriano, a educação Bancária, depositador de informações, o aluno apenas recebe as informações, não constrói sua própria idéia. O fato é que a escola é e sempre será um lugar que independentemente de políticas, origem e seguimento, seja ela privada ou pública deve exercer um papel fundamental na vida e no processo de ensino-aprendizagem do aluno por meio de instrumentos, técnicas e práticas que facilitem a mediação de conhecimento do educando.

Vive-se um século em que a educação vem sendo valorizada, mesmo diante de alguns problemas conseqüentes do passado, mas para atingir esse formato atual foi necessário romper diversos paradigmas com muitas lutas por um novo modelo de educação. Embora tenha contribuído em alguns aspectos, não houve grandes alterações nas práxis em sala de aula, contudo, contribuíram para a evolução do pensamento crítico na esfera educacional e geográfica (OLIVEIRA, 2006, p.12).

Mesmo após o Movimento de Renovação denominado “Geografia Crítica”, na década de 70 e 80 nota-se que, pouco foi modificado no tratamento didático-pedagógico da Geografia na sala de aula, o qual poderia contribuir para que os sujeitos envolvidos se reconhecessem como sujeitos do mundo em que vivem indivíduos sociais, capazes de construir a sua história, a sua sociedade, o seu espaço e que conseguissem ter os mecanismos e os instrumentos para tanto.

Uma grande problemática daquele momento foram às conseqüências do movimento da geografia crítica que não compreendida, por que alguns educadores e geógrafos, esquecidos da geografia enquanto disciplina escolar que permeia vários conteúdos, desde a geografia física, noções espaciais até a compreensão da produção do espaço pela sociedade, Geografia Humana, tornou a sala de aula lugar de discussão histórica e política, o que é importante para a geografia, mas não na doutrina. Dessa maneira, hoje encontramos alunos

sem noções básicas que deveriam ter sido adquiridas desde as séries iniciais, de lateralidade, localização e orientação do seu próprio espaço, além de aulas chatas e enfadonhas.

Sabe-se que, ao longo do conhecimento, passa-se por diversas etapas as quais são induzidas pelos professores ao educando no despertar para a curiosidade do saber. A aquisição do saber permite observar necessidades não supridas ao longo das séries iniciais por dificuldades apresentadas pelos alunos. Todavia, o ensino de Geografia nos leva a uma análise plural do espaço, de modo que os professores de geografia como agente construtor de aprendizado, contribuem, de forma salutar, para o processo de ensino e compreensão do espaço a partir dos elementos físicos, humanos com o auxílio da cartografia.

Contudo, o projeto partiu de uma necessidade observada pela professora de Geografia do ensino fundamental II, na Escola Cenecista São José, na deficiência apresentada pelos alunos em localizar-se e orientar-se. De maneira que este projeto propôs o conhecimento dimensional de localidade a partir da sua realidade, oferecendo várias proporções do universo que o cerca, suprimindo, pois, a ausência em orientação e localização com auxílio mediador da Cartografia.

Nesse sentido, a proposta da criação de um laboratório de geografia com ênfase em cartografia na Escola Cenecista São José teve como objetivo dinamizar e enriquecer a escola em nível de recurso didático, além de propor uma educação inovadora, sendo a primeira escola do município de Campina grande a possuir um laboratório de geografia, bem como apresentar instrumentos conhecidos, como, por exemplo, os mapas, porém, quase não utilizados pelos professores e que são de extrema importância para o ensino geográfico.

2.1 A geografia no contexto cartográfico.

A Geografia estuda o espaço como um todo e utiliza-se das mais diversas formas, ciências, categorias e elementos, que propiciam uma análise mais ampla do espaço.

O espaço geográfico é constituído por formas materiais visíveis, naturais e construído pelos homens através das relações que estabelecem. Estas relações caracterizam um lugar em certo tempo histórico e são objetivos de estudo da geografia. A noção de espaço geográfico não pode se ater somente à paisagem, mas deve buscar as causas e conseqüências da organização da terra por parte de seus habitantes (CASTROGIOVANNI, 1999, p.40).

Pode-se avaliar o espaço sob uma visão de aspectos e categorias, como a cartografia na construção do espaço.

O espaço geográfico se apresenta sob dois aspectos: um empírico e subjetivo que é primeiramente construído mediante operações sensoriais e outro, objetivo e científico que é medido e explicável racionalmente. O espaço que a cartografia se propõe representar pode ser abordado de diversos pontos, porém todos levam a uma noção relativa das relações entre o espaço e o tempo que se concretiza no problema da projeção da escala (YOLE, 1982, *apud* CASTROGIOVANNI, 1999).

Sabe-se que a arte de traçar mapas teve início no século VI a.C. com os gregos que, em função de suas expedições, sentiram a necessidade de orientar-se melhor no espaço e também de registrar suas descobertas e caminhos percorridos. A Cartografia data da era pré-histórica, quando os povos delimitavam os territórios de pesca.

No Brasil, a Cartografia começou a se desenvolver de forma tecnológica a partir da Segunda Guerra Mundial, em função dos interesses militares. Com o passar dos anos, os estudos cartográficos evoluíram e, hoje em dia, utiliza-se a fotografia aérea e o sensoriamento remoto por satélite, que, com a ajuda de computadores produzem mapas padronizados que apresentam grande exatidão, representando a realidade de uma forma organizada e coerente.

Pode-se afirmar, então, que a Cartografia é a ciência e a arte de representar graficamente uma área geográfica em superfície plana, como um mapa. Ao representar essas áreas, a Cartografia transmite diversas informações através de símbolos, cores, hachuras, entre outros, criando, assim, uma linguagem própria, compreendida por pessoas de diferentes lugares e países distantes. “É preciso que ocorra a aprendizagem e o uso da linguagem cartográfica para, sobretudo, entendermos a lógica da (re) produção dos territórios; caso contrário, ela perde seu sentido ou razão de ser no ensino geográfico” (KATUTA, 2002).

Portanto, propõe uma análise e elaboração de uma nova visão da Geografia emitida pela Cartografia e seus principais elementos que atribuíram ao educando uma nova consciência do espaço geográfico, obtendo-se resultados positivos no ensino da Geografia e das demais disciplinas.

2.1.1 Cartografia como Mediadora no Ensino da Geografia

A Cartografia é ciência/arte, enfim, um processo de elaborar, construir e reproduzir lugares, territórios e espaços, muito embora a cartografia vá mais além de uma representação, chegando a uma forma de análise da organização do espaço.

A cartografia é o conjunto de operações lógico-matemático-técnicas e artísticas que, a partir de observações diretas e da investigação de documentos e dados, intervêm na construção de mapas, cartas, plantas, e outras formas de representação, bem como no seu emprego pelo homem. Assim, a cartografia é uma ciência, uma arte e técnica. A relação Geografia x Cartografia está intrinsecamente ligada na formação do aluno em compreender o processo de reconhecer as formas física e humana do espaço (CASTROGIOVANNI, 1999, p.38).

A escola, como pilar desta construção, mediada pelos professores tem como objetivo desenvolver novas práticas no processo de ensino aprendizagem da geografia, na qual Almeida (2001, p.17) afirma: “[...] uma das funções da escola consiste em preparar o aluno para compreender a atual organização da sociedade, dando-lhe acesso às novas formas de representação da informação espacial: mapas, fotografias aéreas, imagens de satélites”. O ensino da geografia propicia uma perspectiva crítica e analítica, uma vez que a mesma homogeneiza as ciências: história, matemática, biologia, física, enfim propicia uma análise completa do espaço.

Neste contexto, a escola exerce um papel fundamental no processo de ensino da Geografia, e o Laboratório de Geografia com ênfase para Cartografia temática exerce uma função mediadora no aprendizado e na construção de um novo olhar geográfico a partir das ferramentas básicas da geografia física x Geografia humana, utilizando-se de uma visão unificada e construtiva.

2.2 A construção do espaço geográfico na escola.

O projeto CARTOGRAFIA, “UM NOVO OLHAR GEOGRÁFICO” foi entregue à direção da escola que logo disponibilizou um espaço e materiais de uso voltados para a criação do laboratório de geografia, com ênfase em cartografia temática, sobretudo, pelo fato da Cartografia ser a forma mais próxima de trabalhar e sanar geograficamente os problemas

detectados nos alunos em nível de noções espaciais. A “alfabetização cartográfica” que segundo Castrogiovanni (2000, p.10) o termo designa “[...] a construção de noções básicas de localização, organização, representação e compreensão da estrutura do espaço [...]”, se constitui em um processo fundamental para a concentração do aluno, na medida em que, facilita a sua leitura para além do mundo egocêntrico. O processo de alfabetização espacial nasce com a criança e se desenvolve concomitantemente com o desenvolvimento de sua inteligência.

As análises do espaço vêm consecutivamente sendo realizadas a partir das leituras exploradas pela cartografia, e leva a uma análise mais ampla, no que se refere à apropriação e o uso da linguagem cartográfica, deve ser entendido como construção dos conhecimentos geográficos acerca da Cartografia. É enfática na relação constituída a partir dos elementos e auxiliam a decodificação das leituras espaciais em vários âmbitos, uma vez que os mesmos permeiam vários aspectos da geografia social, econômica, natural, na construção de leituras de mapas e gráficos.

O indivíduo que não consegue usar um mapa está impedido de pensar sobre aspectos do território que não estejam registrados em sua memória. Está limitado apenas aos registros de imagens do espaço vivido, o que o impossibilita de realizar a operação elementar de situar localidades desconhecidas (ALMEIDA, 2001, p.17).

De modo que, a leitura dos mapas e a construção dos mesmos são extremamente importantes no que diz respeito ao processo de aprendizagem da geografia a partir da Cartografia, como princípio básico em relacionar a ORIENTAÇÃO E LOCALIZAÇÃO na relação cotidiana do aluno, utilizando-se do critério que o ser, habitante do espaço, precisa saber localizar-se e orientar-se de forma correta. Este aprendizado inicia-se na escola nas séries iniciais e básicas, contudo, quando não realizado torna-se uma problemática de noção espacial do educando ao longo de todos os níveis escolares e em seu cotidiano. Ainda, de acordo com Almeida (2001), o ensino de mapas e de outras formas de representação da informação espacial é tarefa da escola. É função de a escola preparar o aluno para compreender a organização espacial da sociedade, o que exige o conhecimento de técnicas e instrumentos necessários à representação gráfica dessa organização.

Os PCN’S abordam de forma clara a importância dos recursos didáticos para o ensino de geografia.

A Geografia trabalha com imagens, recorre a diferentes linguagens na busca de informações e como forma de expressar suas interpretações, hipóteses e conceitos. Pede uma cartografia conceitual, apoiada em fusão de múltiplos tempos e em linguagem específica, que faça da localização e da espacialização uma referência da leitura das paisagens e seus movimentos (PCN'S, 1998, p.33).

Na fecundação do laboratório, inicialmente foi realizado o levantamento dos espaços estruturais da escola e materiais didáticos disponíveis como: mapas, livros, quadros e fotografias temáticas, além de material de uso, cadeiras, mesas, lousa e estantes. Foi detectado que a escola era detentora de um grande acervo de recursos didáticos geográficos como: diversos mapas da Paraíba e do Brasil, mapas mundi de diversos temas, continentes, fenômenos físicos, geográficos, livros, Atlas, porém, há anos não se utilizavam, exceto a nova aquisição de dez mapas atualizados sobre o Brasil e dos cinco continentes.

Após esse levantamento, a professora de geografia observou as dificuldades em nível de conteúdos encontradas em sala de aula pelos alunos na disciplina de geografia e visitou alguns laboratórios de geografia, em especial o Laboratório de Geografia da Paraíba (LOGEPA), localizado na Universidade Federal da Paraíba que serviu de base para a construção do Laboratório escolar.

O projeto teve como base três etapas para construção: (1) A construção decorativa e estrutural do laboratório, com pintura do planisfério na parede central e nas laterais com mapas do Brasil e da Paraíba, além da restauração de materiais de uso. (2) A seleção de materiais como: mapas, livros de geografia, Atlas, maquetes. (3) O estudo prévio e de noções cartográficas realizado com os alunos nas aulas de geografia, interagindo com conteúdos programados do material didático (módulo) do aluno como mostram as Figuras 00 e 1.



Figura 00 e 1 - À esquerda, aula de Geografia com uso do mapa, à direita aluno e material didático.

Visita a escola: 02/03/2007. Foto: Elisangela Alves.

Segundo Cavalcanti (2002, p.32), “[...] O objetivo do ensino é a construção do conhecimento pelo aluno, de modo que todas as ações devem estar voltadas para sua eficácia do ponto de vista dos resultados no conhecimento e desenvolvimento do aluno”.

Esse conhecimento, pautado no real, onde o aluno possa verificar se, no mundo, e a partir desses conhecimentos, as aulas de geografia sejam uma descoberta, através do mundo misterioso dos mapas, muito embora em seu material didático (módulo) já se utilizavam figuras, mapas, gráficos, o fato é que o material trazido pela professora estimula a curiosidade do SABER. Esses estudos em sala de aula servem para instigar o desejo dos alunos em participarem de forma integral nas aulas posteriores no Laboratório de Geografia.

O projeto foi realizado no ensino fundamental II de 6º a 9º ano, onde foi identificado o maior problema em nível de conhecimento de noções espaciais, especialmente nas séries de 8º e 9º ano, atingindo o alunado na faixa etária de 10 a 15 anos de idade, totalizando um número de 120 alunos. De maneira que, boa parte dos estudantes, era veterana da escola com um pequeno percentual de novatos na 6ª ano.

Segundo Paganelli (2007), as relações operacionais e conservações espaciais nessa idade são topológicas, 10 a 14 anos, as noções são contínuas, envolvimento (dentro /fora), ordem espacial, separação, vizinhança. De acordo com Piaget (1972, apud PAGANELLI, 2007) o espaço representativo operatório constitui-se, definitivamente, por volta dos 9 e 10 anos. Seria para Paganelli et al (2007, p.48) o quarto estágio referente às coordenações operatórias (a partir de 11 a 12 anos): muitos sistemas podem ser pensados simultaneamente, o que caracteriza operações formais tornando possível sua tradução sob forma de proposição hipotético-dedutiva.

No que concerne ao espaço para essas crianças e as noções que foram sublimadas ao longo de seu desenvolvimento educacional, o projeto propõe otimizar as dúvidas e, até mesmo, o desconhecimento das noções básicas de representação espacial, construindo mecanismos para integrar os conhecimentos, como no caso do Laboratório de Geografia que propôs buscar novas formas de relação com o conhecimento e entre os participantes do processo pedagógico, almejando novos padrões de aprendizagem, bem como pretende alertar para a necessidade de inserção de “novos” temas, por exemplo: Geografia da Paraíba, conteúdos que cercam a realidade do aluno, valorizando sua cidade, região e estado, bem como assuntos inerentes à problemática de noções espaciais, pautada, essencialmente, no estímulo de estudar seu espaço, histórico e geográfico, no intuito de valorizar as aulas de

geografia e cativar seus alunos, de modo a reverter o quadro atual de desestímulo que imperava na escola.

Como afirma Castrogiovanni (1999, p.33), há uma grande incapacidade da escola em propiciar situações que levem os alunos a constantes movimentos entre o codificar e o decodificar, o criar e o ler, o interpretar situações, fatos, dados, enfim a vida, a escola, e, portanto a geografia, continuam distante da vida.

Desta forma, a construção de um espaço aconchegante, diferente da sala de aula é um novo espaço para a escola, onde o aluno e o professor poderiam desfrutar de diversos recursos didáticos e realizarem aulas dinâmicas, prazerosas, traria vida, luz e aproximaria a Geografia a escola, não sendo mais um atrativo efêmero, e sim, um espaço permanente, onde professores de ensino fundamental I, ensino médio de qualquer disciplina pudessem usufruir, como mostram as figuras 2 e 3.



Figura 2, 3. À esquerda e a direita, Laboratório de Geografia (Escola Cenequista São José).

Visita à Escola:02/03/2007/ Fonte:Elisangela Alves.

O Laboratório recebeu o nome de Laboratório de Geografia (LAGEO) após uma votação realizada em sala de aula pelos alunos, depois da sua abertura para execução foram realizadas aulas por diversas disciplinas, tanto do ensino médio e fundamental I e II, como História, Inglês, Ciências, Português, os professores se utilizam os recursos cartográficos como mapas temáticos para ministrar suas aulas especializando os alunos.

Na disciplina de geografia foram realizados com os alunos do ensino fundamental II, também, aulas com abordagem em diversos conteúdos, seguindo o planejamento curricular, porém integrando a Geografia e a Cartografia, construindo no aluno que possuía dificuldades, por exemplo, o sentido de lateralidade a partir do distrito de São José da Mata e sua residência.

A lateralização surge, já no primeiro ano de vida, ligada à assimetria funcional, quando a mão dominante é preferida nas tarefas manuais novas. Vê-se que a laterização está

relacionada com dominância asférica. Esse processo leva ao conhecimento de lateralidade, primeiro no próprio corpo e, depois, sobre os outros corpos. Isso implica saber que se tem mão direita e mão esquerda e reconhecê-la (ALMEIDA, 2001, p.39).

2.2.1 Propostas práticas e pedagógicas do Laboratório de Geografia na Escola.

Atividades práticas que referenciavam conteúdos e representações de espaços longínquos como os continentes, utilizavam-se do uso de Atlas e Mapas, sobretudo, o uso do mapa mundi central do laboratório que diagnosticava os interesses de cada aluno, valorizando os materiais construídos para o laboratório, como mostram as, figuras 4, 5 e 6.



Figura 4, 5. À esquerda e a direita, Laboratório de Geografia Aulas de Geografia no LAGEO (Escola Cenecista São José).

Visita à escola:02/03/2007/ Fonte:Elisangela Alves.



Figura 6. Mapa Mundi (Mapa central no Laboratório de Geografia)

Visita à Escola:02/03/2007/ Fonte: Elisangela Alves.

Assim, para Castrigiovanni (1999), o mapa é uma síntese, é uma representação contida nos mapas, possui um sistema semiótico complexo, é uma representação codificada de um espaço real. A informação contida nos mapas é transmitida através de uma linguagem que utiliza um sistema de signos (legenda), redução (escala) e projeção. Ler mapas significa decodificar, portanto, representar mentalmente sua mensagem. Os alunos eram estimulados a

entender a ação da linguagem cartográfica intrínseca aos assuntos abordados, tal como mostra a figura 06 com contiente africano, o aluno obteve informações iniciais sobre o continente a partir da leitura do mapa.

Também foram propostas aulas multimídia, vídeos sobre a importância da cartografia, pesquisa de campo e análise do bairro, onde o educando residia proporcionando a exploração das pesquisas através de debates. Os alunos apresentavam as características Geográficas (físicas e sociais) do lugar onde moravam, face aos conhecimentos prévios dos alunos, como afirmam os PCN'S.

Na escola, fotos comuns, fotos aéreas, filmes, gravuras e vídeos também podem ser utilizados como fontes de informação e de leitura do espaço e da paisagem. É preciso que o professor analise as imagens na sua totalidade e procure contextualizá-las em seu processo de produção: por quem foram feitas, quando, com que finalidade etc., e tomar esses dados como referência na leitura de informações mais particularizadas, ensinando aos alunos que as imagens são produtos do trabalho humano, localizáveis no tempo e no espaço, cujos significados podem ser encontrados de forma explícita ou implícita (PCN's, 1998, p.33).

A professora apresentou a disciplina de geografia através do Projeto CARTOGRAFIA “Um novo olhar geográfico” com a construção do Laboratório de Geografia (LAGEO) com diversos atrativos, fazendo de suas aulas momentos prazerosos, onde não se extingue conteúdo da geografia humana. Todavia os alunos analisavam num sentido local e espacializavam os lugares conhecidos como: bairros, sítios, lugares do distrito em que habitavam, a professora, por sua vez, referenciava geograficamente, localizando-o e orientando-o.

Em suas atividades diárias, alunos e professores constroem geografia, pois, ao circularem, brincarem, trabalharem pela cidade, pelos bairros, constroem lugares, produzem espaço, delimitam seus territórios; vão formando, assim, especialidades cotidianas em seus mundos vividos e vão contribuindo para produção de espaços geográficos mais amplos. Ao contribuírem, eles também constroem conhecimentos sobre o que produzem, que são conhecimentos geográficos. Então, ao lidar com as coisas, fatos, processos, na prática social cotidiana, os indivíduos vão construindo e reconstruindo uma geografia e um conhecimento dessa geografia (CAVALCANTI, 2002, p.33).

As aulas de campo também foram realizadas com o intuito de aproximar o aluno de sua realidade a fim de que o mesmo pudesse conhecer seu espaço, tanto na esfera local como regional, que partiu do pressuposto de que o conteúdo sobre Geografia da Paraíba seria uma proposta essencial para mitigar as dificuldades em localizar-se e orienta-se, ao passo que

valorizando os espaços conhecidos integraria os conhecimentos geocartográficos em seu cotidiano.

Foram realizadas aulas de campo com as turmas de 8º e 9º ano, o trabalho aconteceu em dois momentos do ano letivo, no primeiro semestre para o Litoral e no segundo semestre para o sertão Paraíbano.

Como propõe os PCN'S (1998):

A forma mais usual de trabalhar com a linguagem gráfica na escola é por meio de situações em que os alunos têm de colorir mapas, copiá-los, escrever os nomes de rios ou cidades, memorizar as informações neles representadas. Mas, esse tratamento não garante que eles construam os conhecimentos necessários, tanto para ler mapas como para representar o espaço geográfico. Para isso, é preciso partir da idéia de que a linguagem gráfica é um sistema de símbolos que envolvem proporcionalidade, uso de signos ordenados e técnicas de projeção. Também é uma forma de atender a diversas necessidades, das mais cotidianas (chegar a um lugar que não se conhece, entender o trajeto dos mananciais, por exemplo), as mais específicas (como delimitar áreas de plantio, compreender zonas de influência do clima).

É importante que a escola crie oportunidades para que os alunos construam conhecimentos sobre essa linguagem em dois sentidos: como pessoas que representam e codificam o espaço e como leitor das informações expressa por ela. Se, nessa fase da escolaridade é possível trazer o mundo para a sala de aula do aluno, é também importante levar os alunos para fora dela. É relevante lembrar que, grande parte da compreensão da Geografia passa pelo olhar. Saídas com os alunos em excursões ou passeios didáticos são fundamentais para ensiná-los a observar a paisagem. A observação permite explicações sem necessidade de longos discursos. Além disso, estar diante do objeto de estudo é muito mais cativante e prazeroso no processo de aprendizagem. O trabalho com estudos do meio envolve outros aprendizados fundamentais na leitura da paisagem, tais como aprender os procedimentos de pesquisa, desenvolver ou criar projetos de estudo. Aliás, o trabalho com projetos permite tanto o aprofundamento de determinadas temáticas, conforme as realidades de cada lugar, como maior flexibilidade no planejamento do professor (PCN'S 1998, p.34,35).

A proposta de realizar o trabalho de campo partiu da intenção de enriquecer os conhecimentos construídos no laboratório, acerca das temáticas Orientação, Localização, Geografia da Paraíba, bem como oportunizar os alunos a conhecer Laboratórios maiores e com mais instrumentos como o Laboratório e Oficina de Geografia da Paraíba (LOGEPA) na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) que se localiza na Capital do Estado, João Pessoa.

Durante o percurso da viagem, fez-se uma relação dos assuntos estudados em sala, através de instrumentos cartográficos como diversos mapas, com uma abordagem física e humana, aspectos como localização e orientação, Unidades Geomorfológicas, Divisão Regional (as mesorregiões paraibanas) Clima, Hidrografia e Organização Espacial das Mesorregiões da Paraíba, respaldado nas categorias de análise da geografia (Lugar, Paisagem, Região) que, posteriormente, seria contemplado no segundo momento em direção ao sertão, onde os alunos puderam concretizar seus conhecimentos sobre as diferentes paisagens do sertão paraibano e suas potencialidades, como será abordado no quarto capítulo.

2.2.2 Escola, Geografia x Cartografia.

A implantação da sala foi positiva no que trata o processo de desenvolvimento prático pedagógico, tanto na escola como na disciplina de Geografia, pois, interagir, criar espaços para alimentar uma educação responsável é dever de todo educador, ao passo que na sua disciplina é necessário inovar, dinamizar os meios e preconizar um saber e incitar renovações práticas no modo de aprender e ensinar geografia.

A geografia, por sua vez, permite afagar os alunos, vive-se no espaço, constrói-se esse espaço, precisa-se entendê-lo. Todavia, para compreender o espaço não é necessário esquecer sua origem, suas formas e técnicas de como nos orientar e localizar, é sim, fato primordial resgatar esse estudo para que o aluno/ser humano não se torne perdido em seu próprio espaço e naturalmente externar respostas de eventuais perguntas sobre localização como: E naquela rua ali! Depois do poste desse lado! A geografia tem esse poder a partir da cartografia de inteirar os educandos de que a geografia não é apenas um discurso, é um estudo de lugares, região em seus diversos aspectos e também físico-geográfico. A realidade é que se encontram professores que nem mesmo sabem localizar-se, problemática encontrada desde os centros acadêmicos até em situações cotidianas.

Por isso, promover no ensino de geografia técnicas de como se orientar e localizar-se interagindo junto aos conteúdos programados e proposta é uma forma que produz eficácia no processo de ensino aprendizagem. Pois, podem ser promovidas práticas pedagógicas centradas **no** conhecimento interativo holístico por parte dos **alunos**.

O desenvolvimento da habilidade de realização de um trabalho cooperativo e em

equipe integrando professores de diversas disciplinas, além do envolvimento e a responsabilidade atribuída aos alunos na execução de trabalhos, estimula a pesquisa a uma nova leitura do espaço identificado pelo aluno no espaço multidimensional geocartográfico.

Sobretudo, avanços práticos pedagógicos de ensino e aprendizado, externados através das atividades desenvolvidas: pesquisas, atividades escritas, confecção de maquetes, elaboração e leitura de mapas acerca da realidade do aluno, elaboração de croquis, diagramas, cartazes e relatos em sala de aula, interagindo com os conteúdos aplicados pela geografia e por outras disciplinas, o que fez do projeto interdisciplinar. Os materiais cartográficos, construídos por alunos, serviram como recurso didático para o laboratório de Geografia.

Promovendo, a partir das técnicas, práticas e metodologias para solução de dificuldades de como entender conceitos básicos de localização e orientação. Assim, os questionamentos: De que lado fica África? E o Brasil está em que hemisfério? Portanto, foram expostas formas práticas respaldadas pela cartografia em sanar dificuldades como as apresentadas acima encontradas pelos alunos, além da motivação em seqüenciar o conhecimento geográfico, e, tornar o aluno conhecedor do espaço local (espaço vivido pelo aluno), passando para os espaços distantes e desconhecido (outros bairros, municípios, zona rural ou urbana).

A professora de geografia das séries do ensino fundamental II observou a necessidade de construir um espaço na escola voltado para o ensino da geografia, e que erguer um espaço, onde o educando construísse seus conhecimentos de forma prática e eficaz, utilizando-se principalmente da geografia por meio da cartografia, fecundando um novo olhar teórico e prático da cartografia nos conteúdos da disciplina e seus mecanismos, ou seja, os mapas e os diversos elementos aplicados pela geografia no contexto cartográfico, interdisciplinar como auxílio no processo ensino aprendizagem.

3. REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS, UM RECURSO FUNDAMENTAL NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA.

A geografia é uma ciência que trabalha com diferentes recortes do espaço e tempo. Porém, é impelida a fazer o recorte de seu objeto de estudo a partir de recorte de tempo e espaço presente. Esse recorte pode ser de um lugar ou de um conjunto de lugares que precisam ser analisados, explicados e compreendidos no presente. Isso não significa que não se possa, a partir desse recorte temporal, buscar historicamente a dinâmica de suas transformações. Porém, a abordagem de qualquer conteúdo no estudo do espaço geográfico deve sempre estar comprometida com o tempo presente como fundamento metodológico.

A geografia, ciência que estuda o espaço geográfico, espaço este onde vive a humanidade é uma ciência humana, isto é, que estuda as ações do ser humano e se ocupa, principalmente, de analisar a porção do espaço que interessa à sociedade humana, e a dimensão que ele consegue alcançar: a casa, a rua, o bairro, a cidade, e toda a superfície terrestre. Neste espaço, no entanto, são analisados os elementos naturais como elementos humanos os quais são fatores determinantes para compreensão da complexidade da geografia. E, como transmitir essa geografia aos mais recentes estudiosos desta ciência extremamente complexa? A partir deste questionamento geográfico, passa-se a analisar as práticas que estão sendo aplicadas em sala de aula e como o nosso aluno (iniciante no estudo desta ciência) está reagindo mediante os diversos fatores que o levam a compreensão do mundo em que ele está inserido, permitindo que este analise o espaço como meio natural e humano.

Todavia, o homem, desde a antiguidade já se preocupava em compreender esta relação homem-espaço-sociedade apresentando pinturas em forma de desenhos para representar o espaço em que vivia. E, era através desses desenhos feitos nas paredes das cavernas que, o homem primitivo desenhava e/ou representava o que ele compreendia e conhecia do espaço onde habitava e construía.

Ao longo da história, a geografia foi por muito tempo utilizada, ainda no século XVIII, para desenhar caminhos e roteiros de viagens, o que a aproximava da ciência conhecida atualmente como a cartografia. Sobretudo, o desenvolvimento da geografia se deu a partir da exploração do mundo pelos mares e oceanos com os grandes navegantes. Dentre os povos da antiguidade, os fenícios que faziam parte da civilização mediterrânea, foram os primeiros povos a vislumbrar as paisagens e os primeiros a ampliar horizontes através dos

mares. Os Sumérios deixaram o que pode ser considerado como primeira representação gráfica do mundo, ou seja, a primeira utilização do desenho cartográfico que auxilia na construção dos mapas e nos remete à idéia do espaço geográfico, construído por formas materiais visíveis naturais e pelos homens auxiliados pela leitura da paisagem.

Porém, é a cartografia que a geografia utiliza como mediadora e um dos elementos contribuintes para a compreensão do espaço, devido aos elementos utilizados, como: mapas, **desenhos**, croquis, maquetes, fotos dentre outros, para apresentar o espaço de forma simples e didática, seja ele natural ou modificado, e por sua vez a cartografia é uma ciência auxiliadora do professor nas práticas cotidianas, como já citado, o desenho é um dos recursos utilizados, pois, é a partir da observação, da linha, da cor, proporção, o que caracteriza o sentido de dimensão das expressões artísticas que levam o aluno ao entendimento prático e eficaz do espaço.

Com isso, o presente estudo faz uma análise da importância de novos métodos do ensino de geografia nas séries iniciais, tomando como base a 5ª série do ensino fundamental II, em que foram realizadas diversas práticas com a utilização do recurso metodológico "O DESENHO", facilitando, pois, a compreensão dos elementos inerentes ao processo de produção espacial, bem como uma noção ampla das características espaciais estudadas pela geografia com o auxílio mediador da cartografia. Desta forma, foram observadas as diversas práticas a qual tem como intuito, levar o conhecimento prático dos conteúdos programados para o I semestre do ano letivo de 2007 na Escola Cenecista São José, localizada no distrito de São José da Mata a 12 km de Campina Grande-PB.

O objetivo principal do capítulo foi analisar as novas experiências práticas pedagógicas que os professores utilizam em seu dia-a-dia em sala no ensino geográfico, assim como avaliar o aprendizado do aluno através dos desenhos realizados por eles e dos novos métodos a ser aplicados no processo de ensino aprendizagem dos desenhos.

3.1 O desenho e a geografia.

Na história da humanidade, antes mesmo de representar a realidade pela escrita, os homens desenhavam. As expressões artísticas são desenhos, por exemplo, os desenhos nas cavernas. Podemos dizer que o desenho vem antes de todas as coisas que o homem produz: casas, edifícios, pontes, automóveis, aviões, móveis e etc. O desenho é a matriz de outras

formas de expressão visual que tem como base o esboço: a pintura, a gravura. Todavia, o desenho pode ser definido como a arte de representar o espaço e tudo que pertence a ele, como uma forma mais fiel de representação do espaço observado.

O legado maior da antiguidade foi dado pelos Gregos. Surge, então, a palavra Geografia, onde GEO significa terra e GRAFHIA, descrever. A expansão geográfica tornou-se uma necessidade em detrimento às atividades de comércio e colonização que desenvolviam na época. Esses povos tornam-se, simbolicamente, os primeiros geógrafos, pois foram pioneiros na construção do mundo. Das influências climáticas, dos mares e dos rios, além de terem elaborado divisões do mundo, não sendo obviamente as que utilizamos atualmente .

É possível perceber que o ato de observar e representar algo através do desenho está intrinsecamente ligado ao ser humano e essencialmente às crianças que, desde as séries iniciais são estimulados a livre arte de expressão; ao se analisar os primeiros desenhos das crianças observa-se a presença de casas, árvores, lugares, paisagens, ou seja, são ali formados os primeiros conceitos de espaço geográfico. De acordo com Santos (2002, p.195) "trabalhar com os desenhos é trabalhar com novas formas de ver, compreender as "coisas" e verificar, comprovar as próprias idéias. O indivíduo, quando desenha expressa uma visão e um raciocínio".

O desenho passa a ser observado essencialmente de várias formas, sejam pelos artistas, geógrafos, historiadores, pedagogos, pelas diversas ciências que, obviamente, fazem uso dessa expressão de representação do raciocínio humano. Os desenhos, não são fixos, envolvem momentos de percepção que são construídos sucessivamente (pela ação), para resultar numa expressão gráfica. A compreensão da natureza dessa ação envolve a percepção e a representação gráfica, numa tentativa de traduzir este ato.

Há três momentos importantes sobre os estudos do desenho infantil. O primeiro, no início da década de 1930, com os estudos longitudinais e a possibilidade de descrever a mudança como uma transição entre desenhar "o que se vê" e desenhar "o que deve estar ali". Esses estudos procuravam um modo de descrever o desenvolvimento e a passagem do "ver" e "conhecer", que eram qualidades distintas entre si. O segundo momento de interesse pelo desenho infantil deu-se ainda durante a década de 1930, refletindo preocupações educacionais trabalhando com as habilidades pictóricas e seu desenvolvimento. O terceiro momento foi por volta de 1950, com o grande interesse por parte da psicologia do desenvolvimento, com seus testes e medidas prescritas. Uma ordem formal tomava conta da análise dos desenhos. Eles

eram empregados como índices de nível intelectuais e de estados emocionais (GOODNOW, 1983 *apud* SANTOS, 2002).

O desenho, no entanto, para o ensino da geografia traz clareza sobre a escolha e a percepção acerca do espaço, no intuito de que o aluno possa situar-se melhor, ou seja, o mecanismo utilizado no auxílio de aprendizagem em relação ao desenho que representa o espaço, é a cartografia, assim como define Almeida (2001, p.21): Os conteúdos de representação espacial se legitimam, portanto, por possibilitarem ao aluno chegar a conhecimentos cuja abrangência explicativa ampliem sua “Leitura e compreensão do mundo”.

O desenho cartográfico compreende uma série de aprendizagens necessárias para que os alunos possam continuar sua formação nos elementos da representação gráfica, já iniciada nos dois primeiros ciclos que objetivam essas representações em conceitos até a primeira série do ensino médio, quando aplicado à cartografia de forma mais sistematizada. O professor de geografia, por sua vez, possui recursos metodológicos para trabalhar O DESENHO em diversas perspectivas visto que os alunos são detentores de habilidades artísticas e já possuem o desejo de expressar em traços, linhas, cores, e obviamente, de apresentar sua compreensão diante dos conteúdos aplicados, afinal, o desenho cartográfico é uma arte. Segundo Almeida (2001, p. 25) “a criança desenha para se divertir” (Luquet), em seguida, outra razão aparece: a necessidade de apropriar-se de um sistema de representação. Desde bem pequenas, as crianças percebem que desenho e escrita são formas de dizer coisas. Por esses meios, elas podem “dizer” algo, podem representar elementos da realidade que observam e, com isso, ampliar seu domínio e influência sobre o ambiente.

A percepção visual é um processo mental, não sendo apenas um componente secundário dos processos cognitivos. As imagens que são produzidas pela percepção visual não são apenas vicariantes. Elas têm uma evolução própria, porém, ao mesmo tempo, interdependentes dos demais processos cognitivos em um meio natural preciso e em um meio cultural determinado (SANTOS, 2002).

3.2 O desenho, uma prática geográfica em sala.

A geografia trabalha com a pluralidade de espaços e lugares com recordes muito variados, alguns mais próximos, outros mais distantes do observador. Inclusive com níveis de interesses diferentes no aprofundamento dos elementos caracterizados desses espaços. Tudo

isso coloca para o professor de geografia a importância da existência de recursos técnicos e didáticos que permitam, em suas práticas em sala desenvolver técnicas. É nesse contexto que se encaixa a metodologia aplicada com o lápis e o papel que, na prática, forma o desenho evidenciando um conhecimento sobre a geografia e formando conceitos em consonância da prática apresentada pelos professores e o imaginário por parte dos alunos, ou seja, o entendimento acerca dos assuntos expostos em sala, como afirma Vygotsky (1994, *apud* SANTOS, 2002, p.32) "aprendizado é uma das principais fontes de conceitos da criança em idade escolar e é também uma poderosa força que direciona o seu desenvolvimento, determinando o destino de todo o seu desenvolvimento mental".

Os alunos em seu aprendizado não caracterizam uma separação das situações provocadas pelos professores diante dos conteúdos geográficos, eles fundamentam-se em raciocínio conceitual passado pelos professores e o método que possui "exatidão" expressada no papel. O desenho, como mostra a **Figura 7** em que denota fidelidade no entendimento geográfico em representar o que se vê e o que se imagina, por parte do aluno.

O assunto da aula em que o desenho está representado na **Figura 7** foi a **Terra e suas diversas paisagens, ou seja, a composição do interior da terra** é perceptível o detalhe e a intimidade que o aluno usou para detalhar as camadas geológicas da terra, que em sala, durante a aula e antes dos desenhos foi exposto o conteúdo com a utilização de outros recursos, como: o globo, o material didático (módulo) além do desenho na lousa feito pelo professor, a partir das explicações, os alunos realizaram a atividade em sala em que foi solicitado que os mesmos fizessem um desenho representando as camadas geológicas da terra. Todavia, foi possível utilizar um recurso básico para levar a compreensão do educando a entender um assunto extremamente complexo para o entendimento do iniciante no aprendizado de geografia, visto que a mesma permeia os mais diversos assuntos.

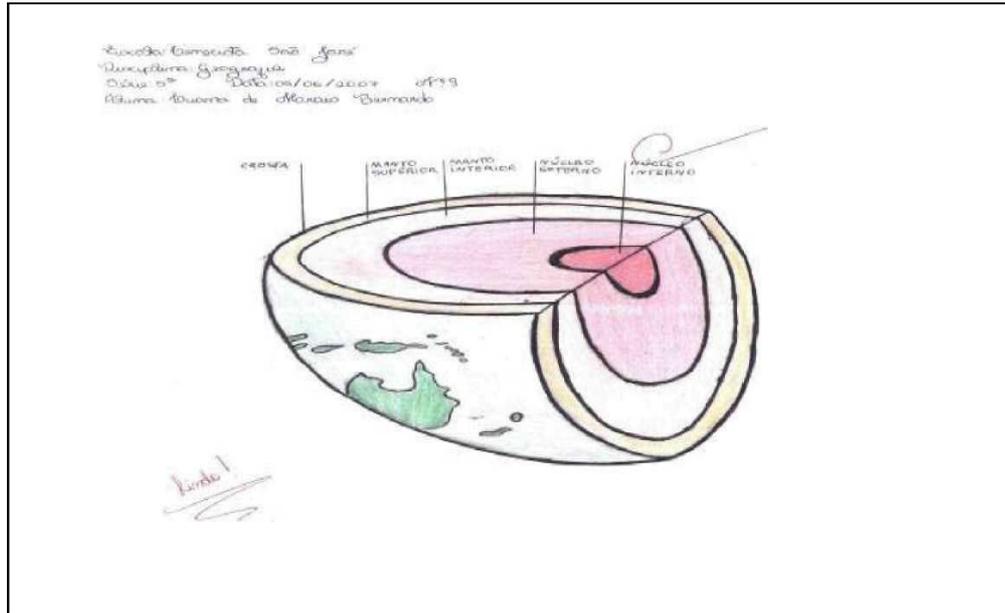


Figura 7 - Desenho de representação das camadas geológicas da terra/Por Luana 6º ano.

Fonte: Sala de Cartografia CNEC 02/08/2007

O trabalho também se utilizou com o auxílio de um questionário aplicado aos alunos da 6º ano em que foram utilizados os desenhos como método de aprendizado, as crianças responderam de forma positiva que adoravam desenhar e com os desenhos conseguem aprender com mais facilidade e também que, através do desenho, torna-se mais fácil aprender os diversos assuntos como: movimento das placas, construção de mapas, a formação geológica da terra, como chegar à escola e em casa, localização e orientação, rosa-dos-ventos, as linhas imaginárias dos mapas. Foram respostas como essas que trouxeram respaldo teórico e prático para compreender que, de fato, esse tipo de metodologia contribui para um aprendizado consistente na prática do ensino de geografia.

Além das atividades que desenvolviam com os desenhos aplicados depois de cada exposição dos assuntos em sala durante a aula, os professores foram mais audazes na utilização do método, e utilizaram o desenho em suas provas a exemplo da primeira avaliação do 2º bimestre cujo assunto programado foi: Localização e Orientação, o professor utilizou a seguinte questão:

De acordo com a estrofe do poema abaixo, construa (desenhe) uma rosa-dos-ventos, indicando os pontos cardeais, pontos colaterais e subcolaterais.

*Eu quero uma rosa-dos-ventos
Que me mostre de onde sopram os ventos do norte,
Que me aponte os ventos do sul*

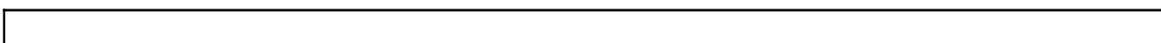
*Que me indique o calor de um amigo,
Que prenuncie os pingos da chuva...*

Na avaliação é possível perceber a contextualização em que o professor se utiliza para elaborar a questão, incitando o aluno a associar as idéias e como construir o seu desenho, logo, o abstrato torna-se concreto. Pois, o aluno teria que desenhar a rosa-dos-ventos indicando os pontos subcolaterais já aplicados em sala de aula e realizados diversas formas de compreensão de seus espaços, tais práticas foram realizadas com músicas criadas nos momentos da aula sobre lateralidade, em seguida, pontos colaterais e subcolaterais, além de desenho do seu próprio corpo, técnica utilizada pela professora Rosângela Doin de Almeida (USP). Na representação do espaço e dos pontos importantes a partir de seu corpo, o aluno traria duas folhas de papel madeira e seu colega desenharia e também apontaria os pontos colaterais.

Essas práticas surtiram um grande efeito, pois, como afirma Almeida (2001, p.43)

A finalidade do mapa do corpo é fazer com que, por meio da projeção de seu corpo no plano, o aluno obtenha uma representação de si mesmo em tamanho real e com a identificação de seus lados. O boneco tomará o lugar do aluno, e este poderá observar seus movimentos e deslocamentos como se fosse ele próprio. Poderá perceber as posturas assumidas e os trajetos que faz no espaço, bem como as relações que se estabelecem entre o boneco(ele) e os demais alunos e objetivos. Também será possível os referenciais de localização no próprio boneco, do boneco em relação aos objetos e aos outros bonecos, e finalmente, do boneco no espaço evocando os mecanismos de projeção do esquema corporal.

A própria dinâmica da aula, proposta pela autora, condiciona as aulas e o ensino de geografia interativos e necessários para tornar a disciplina de geografia prazerosa e rica no sentido de práticas e conteúdos. Pois, no decorrer do estudo foram realizadas também entrevistas à professora, ela, no entanto, destacou que essas questões são as de maior acerto, pois, os alunos conseguem, precisamente, associar o que aprenderam em sala com a utilização de desenhos, mapas, figuras, maquetes dos conteúdos, os quais são conceitos chaves para o bom entendimento geográfico. Os professores destacaram também que, o desenho, contribuiu para compreender o sentido de lateralidade, pois, muitos alunos possuíam um grau elevado de dificuldade. Nesse sentido, viu-se também alguns desenhos dos alunos acerca da temática orientação e localização onde foram realizadas em sala. (figuras 8, 9 e 10).



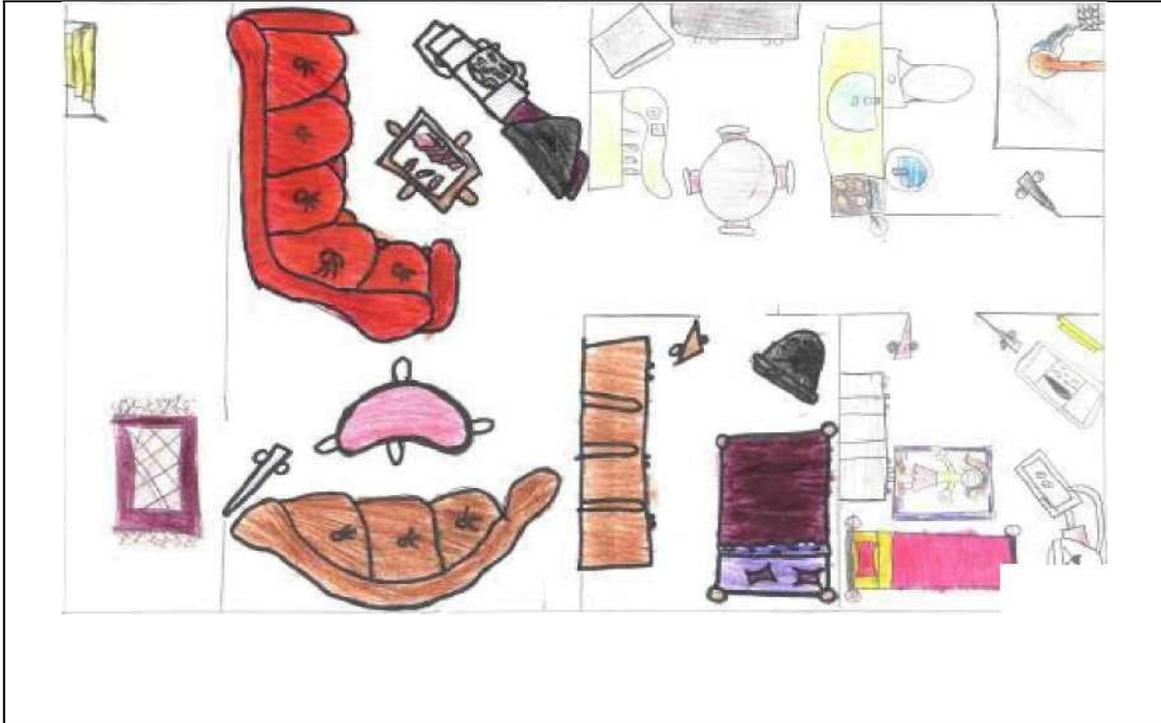


Figura 8- Desenho de representação do interior da casa./Por Rariane 6º ano.
Fonte - Sala de Cartografia CNEC 02/08/2007.

O conteúdo inserido na **figura 8** está relacionado ao uso da cartografia, visto que o desenho representa o sentido de espaço e a dimensão da casa onde mora vista por cima, utilizando o que foi representado em sala com o sentido de lateralidade, escala, simetria na representação dos cômodos da casa, o ato de desenhar uma casa, uma rua, uma granja, um jardim ou a planta de um povoado exigem abstrações empíricas e reflexivas do ponto de vista em que relações e interações sociais devem ser acionadas.



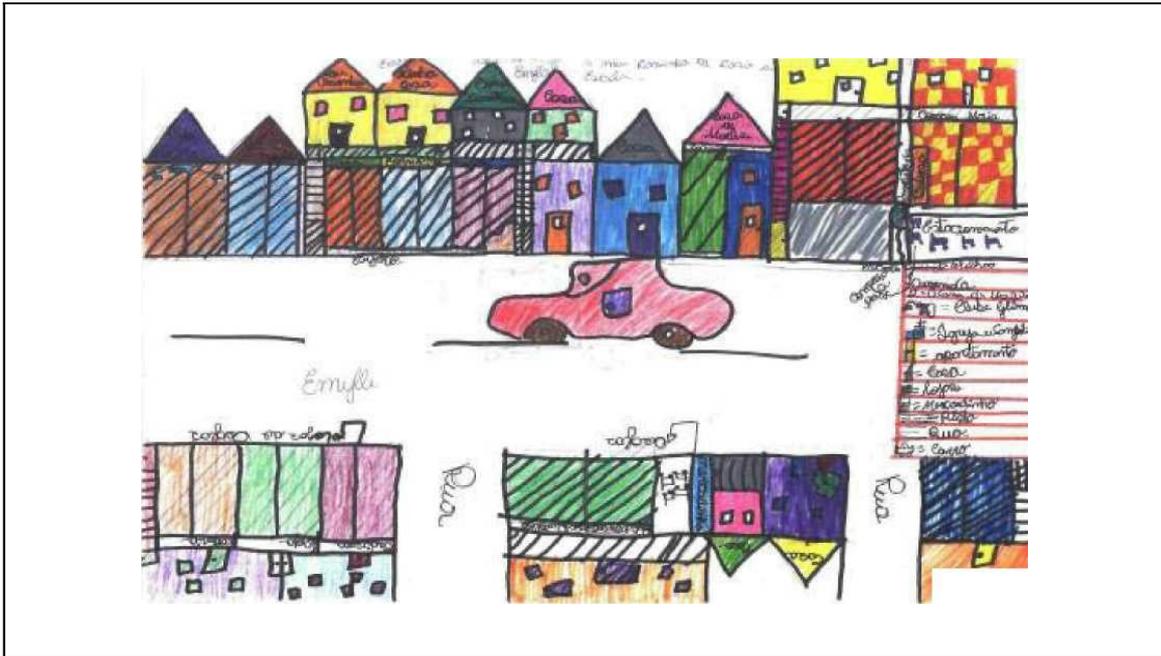


Figura 9 - Desenho de BR 230 no distrito São José da Mata/ por Lucas 6º ano.
Fonte - Sala de Cartografia CNEC 02/08/2007.

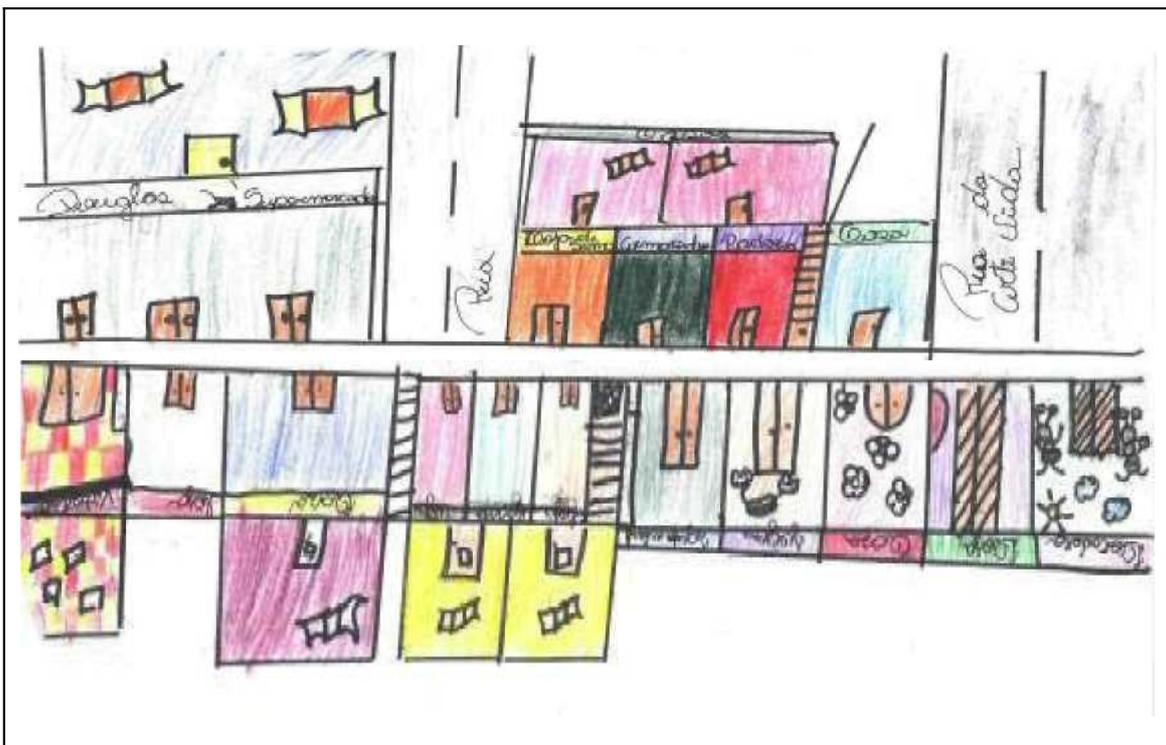


Figura 10 - Desenho de BR 230 no distrito São José da Mata/ por Diego 6º ano
Fonte - Sala de Cartografia CNEC 02/08/2007.

Nas Figuras 9 e 10 os alunos demonstraram o sentido de orientação e localização em que identificaram os espaços funcionais, residenciais além de ruas e avenidas no percurso da casa para a escola, de forma que o trajeto da escola para casa funciona como espaço de conhecimento geográfico, onde o aluno percebe as direções para cima, para baixo, para o lado,

para o outro, no sentido de localizar-se, além de vislumbrar paisagens diferenciadas. A figura 3 também possui como destaque a legenda, onde a aluna mostra informações referentes ao “mapa” correlacionado a cada elemento da sua figura com a legenda, segundo Simielli (2007, p.92) para se trabalhar com a estruturação da legenda, deve inicialmente, observar os elementos do desenho, mapa da foto, é interessante que o aluno já possua essa idéia e consiga referenciar/diferenciar.

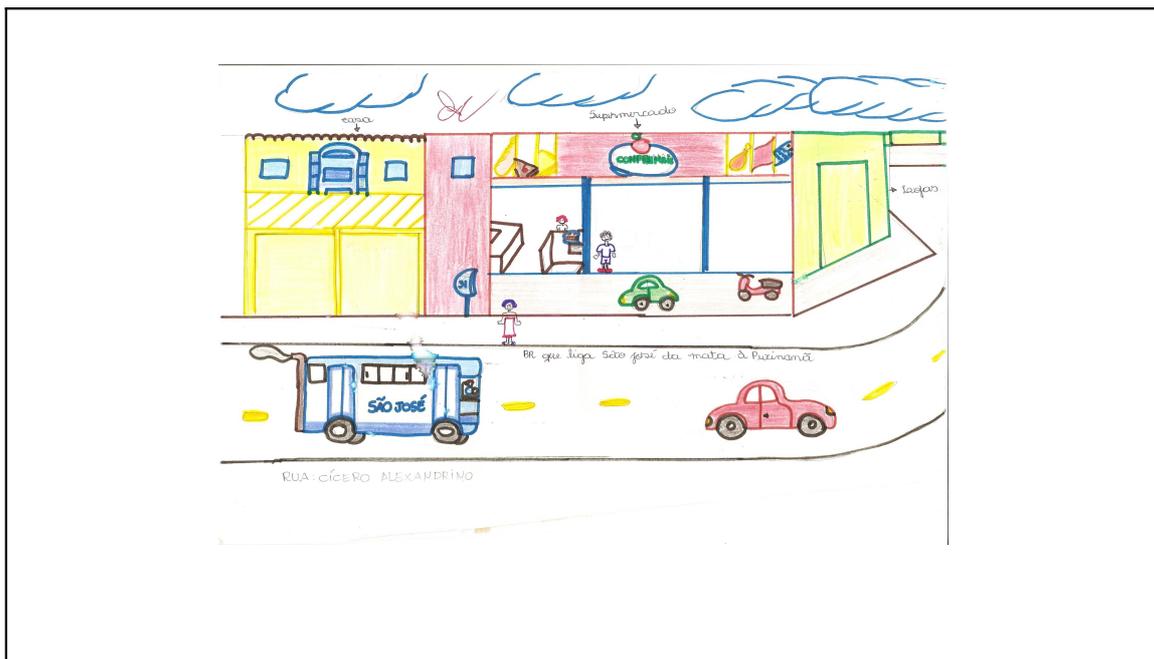


Figura 11– Desenho da rua da aluna Mayara 6º ano.
Fonte - Laboratório de Cartografia CENEC 02/08/2007.

No caso da figura 11 como se pode perceber, a aluna apresenta características particulares do seu espaço inclusive o ônibus que vem para a escola, é perceptível o conceito de espaço construído pela aluna, onde ela consegue detalhadamente representar através do desenho uma pessoa parada na calçada para atravessar, sentido de respeitar o trânsito, orelhão e ônibus em seu pleno funcionamento, o nome do supermercado e o sentido que o seu trajeto tomará, à esquerda. O conteúdo riquíssimo desse desenho, a produtividade e aplicabilidade que a técnica e a arte de desenhar contribui de forma eficaz no processo de aprendizagem do aluno, pois se percebe, na figura, vários elementos espaciais que podem ser trabalhados com os alunos, aproximando-os de sua história, seu lugar e da construção do mesmo.

Já nas Figuras 12, 13 e 14 foi trabalhada a concepção de paisagem e através de uma atividade para casa foi solicitado que o aluno elaborasse desenhos sobre as paisagens urbana e rural e os mesmos expressaram seu conceito através do desenho, como mostra a fidelidade em detalhes das figuras.

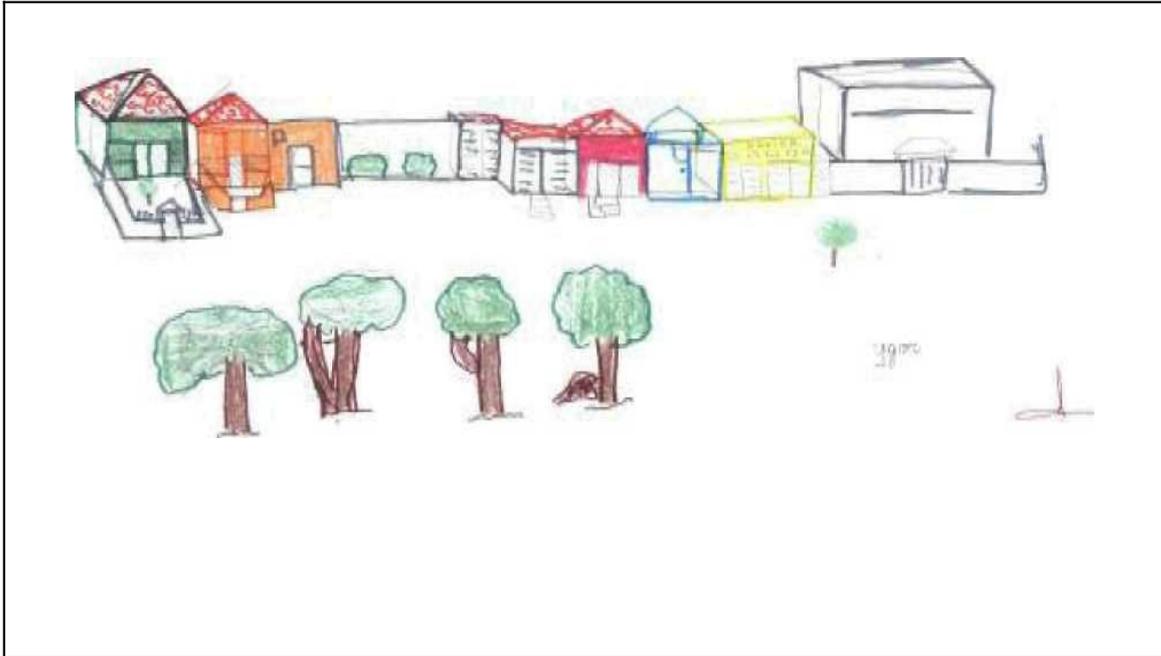


Figura 12 - Desenho de representação da Paisagem Urbana. (Cidade)
 Fonte - Sala de Cartografia CENEC 02/08/2007

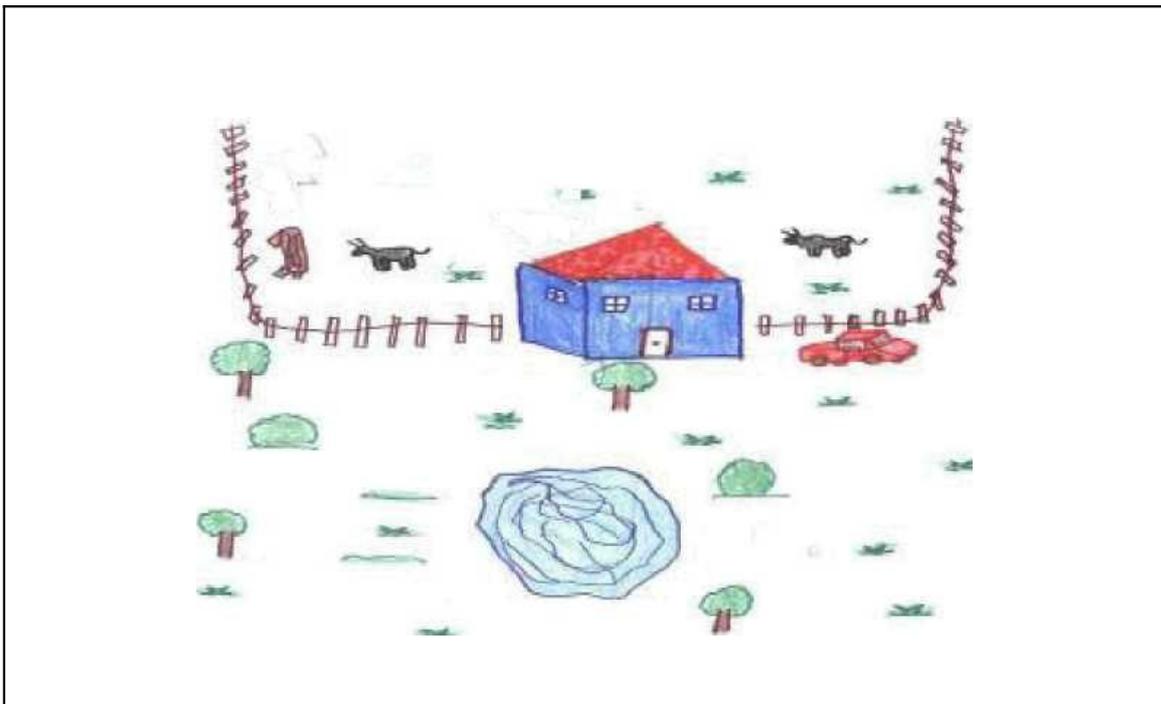


Figura 13 - Desenho de representação da paisagem rural (campo)
 Fonte - Sala de Cartografia CENEC 02/08/2007

Com os desenhos foram provocados nos alunos os atos de pensar no percurso de casa para a escola, na dimensão da sua casa, sua cidade, a paisagem do rural e urbano, trazendo, pois, para sua realidade o sentido de reconhecer o espaço e orientar-se no mesmo. Haja posto as implicações fornecidas em sala, além de aproximar o aluno da sua realidade, e as relações de lugar expressado na Figura 13 em formato de quadrinhos, pois, a aluna foi mais além e

que aprendem, em seu cotidiano, em casa, rodas de conversas. Como afirma Santos (2002, p.203) "diante da paisagem urbana, um ambiente diferente da sala de aula, os alunos ficam mais à vontade para expor suas idéias e suas experiências. Entretanto, os alunos carregam para esse ambiente o conteúdo de dentro da sala de aula, ou seja, os conceitos científicos".

São os conceitos científicos oferecidos em sala que nos dão suporte para se analisar as diversas práticas no ensino de geografia, visto que os assuntos são pertinentes a um conceito chave: o espaço, e, por sua vez, a função centralizadora do professor de geografia é contribuir na formação do senso crítico dos alunos como ser construtor e modificador deste espaço estudado. Contudo, o estudo possibilitou que, de fato, **O DESENHO** é um recurso metodológico eficaz que, apesar de existir muitos métodos aplicados em sala pela geografia, essa representação ainda é uma antiga e contemporânea forma de conhecimento de forma prática e prazerosa.

É possível, destacar também, o elevado empenho dos alunos em desenhar, e o que essa atividade provocou em sala, como: a disciplina, concentração e o interesse do alunado em desenvolver a sua atividade com o maior número de detalhes, além de apresentar progressão no aprendizado dos conteúdos desenvolvidos, compreendendo, pois, que o espaço é o seu lugar e nele estamos inseridos e sujeito às diversas modificações.

O desenho é a representação de uma imagem ou de várias imagens, criando um pensamento complexo. A gênese dos conceitos sejam eles cotidianos ou científicos, permeia o ato de pensar. A geografia, no entanto, faz uso desse método e é possível observar quantas evoluções ocorreram através da arte de representação do espaço na geografia, avanços que hoje são suportes para empregar com vantagem nas práticas em sala de aula no intuito de contribuir na eficácia do ensino aprendizagem de geografia.

4. TRABALHO PEDAGÓGICO EXTRACLASSE (AULA DE CAMPO), UMA VIVÊNCIA DO ESPAÇO HABITADO AO DESCONHECIDO.

O trabalho de campo é um método didático conhecido e ao mesmo tempo precioso recurso para ação pedagógica particularmente na disciplina de geografia. Além dessa designação, ele também recebe outras denominações pela geografia como: estudo do meio, visita ao campo, aula de campo. Pois, como se sabe, o trabalho de campo é uma prática realizada pela geografia desde o período clássico dos estudos geográficos. Os grandes geógrafos clássicos realizavam suas concepções geográficas, a partir de suas pesquisas de campo, haja posto as investigações do estudo do meio, como classificação de solos, climas e diferenciação de regiões e povos. É posto que, neste momento, os pais da geografia, responsáveis pela institucionalização da disciplina, Humboldt e Ritter caracterizavam vários lugares a fim de conhecer os territórios, principalmente (Alemão) visto sua ligação com o rei da Prússia na época. Os pesquisadores realizavam seus estudos embasados em suas metodologias de pesquisa. Segundo Moraes (1983) Humboldt propunha em termos de método “empirismo racionado”, isto significa a instituição a partir da observação. Ritter (antropocêntrico) analisava o Homem, e o sujeito da natureza, a realização de seus estudos valorizava a relação homem-natureza; O método utilizado por Ritter considerava a análise empírica para ele, era necessário caminhar de observação em observação.

Esses dois geógrafos foram um dos maiores ícones na construção da geografia e precursores na utilização de métodos da pesquisa de campo, a partir deles houve várias descobertas e surgiram vários estudiosos que deram seguimentos aos métodos de pesquisa realizados por Humboldt e Ritter, positivistas utilizados por várias escolas do pensamento geográfico.

Entretanto, se esta herança foi fundamental para a consolidação da Geografia como ciência, legou também uma forte marca empirista. Assim, nos primórdios, o trabalho de campo que era parte fundamental do método, aos poucos vai se transformando no próprio método, isto é, de parte do método, torna-se o método, fruto do predomínio de uma concepção empirista que despreza a teoria e atribui à descrição da realidade a condição de critério de verdade (ALELANJO-ROCHA LEÃO, 2006, p. 52).

O trabalho de campo sempre foi uma ferramenta essencial enquanto recurso didático e de pesquisa desde os primórdios da Geografia, como afirma Baitz (2006, p. 26) “ir ao campo e “senti-lo” tornava mais complexa e completa a pesquisa, além de suscitar questões ofuscadas até então”. Curiosamente o trabalho de campo é uma prática da Geografia tradicional em que

se pautava apenas no conhecimento pelo conhecimento, decorativo e descritivo e ainda é executado nos dias de hoje. Trata-se de um movimento positivo de retomada de uma tradicional ferramenta da Geografia utilizada atualmente como forma de conciliar a prática com a teoria, independentemente do método escolhido para realizar a atividade de campo.

A Geografia metamorfoseou-se e passou por vários estágios, o primeiro foi a Geografia tradicional, movimentos de renovação (nova geografia) e, por fim, a geografia crítica, todos esses momentos foram cenário de transformações dos métodos, técnicas, instrumentos e concepções utilizados pela geografia; Alentejano e Rocha-Leão (2006, p.55) destacam, em sua obra que o trabalho de campo passou por um período de desvalorização a partir de 1970, quando os geógrafos adeptos da Geografia Teórico-Quantitativa defendiam a idéia de que *“as tecnologias da informação e os modelos matemáticos seriam instrumentos mais adequados para a investigação”*. Citam também que, na fase inicial da Geografia Crítica, quando foi dada ênfase à teoria, contrapondo-se ao empirismo da Geografia Tradicional, o Trabalho de Campo deixou de ser reconhecido como *“importante instrumento de construção do pensamento geográfico”*. Os autores relatam ainda um dado histórico brasileiro nesta mesma década, onde a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) tinha como destaque o trabalho de campo, seus primeiros congressos representavam um espaço privilegiado para produção geográfica a partir do campo para Geografia brasileira; salienta também a importância da ida ao campo para formação dos jovens geógrafos dada a possibilidade de convivência e aprendizado com os grandes mestres da Geografia, embora as pesquisas fossem exclusivamente de caráter empírico.

Segundo Abreu (1994 *apud* ALENTEJANO E ROCHA-LEÃO. 2006, p.54)

Os trabalhos de campo que duraram até 1970, quando com a mudança dos estatutos da AGB, estes foram retirados da grade dos encontros da entidade, possibilitaram o desenvolvimento de ampla gama de conhecimentos sobre a realidade brasileira. Outros que chamaram atenção para a enorme contribuição para o trabalho de reconhecimento do país possibilitado pelos debates e trabalhos de campo realizados por ocasião das assembleias gerais da AGB foram Andrade (1991) e Mamigonian (1991).

Esses dois autores em especial, Manoel Correia de Andrade, destacou a aproximação da realidade vivida do sujeito com o objeto como ferramenta construtora para os estudos geográficos, partindo do pressuposto de integração Homem x Natureza. Nos últimos anos tem-se verificado o retorno dos trabalhos de campo aos Encontros Nacionais, Estaduais e Regionais da AGB, na academia, e no ensino fundamental e médio nas escolas. Hoje, porém, entende-se que o trabalho de campo articulado com a teoria, constitui-se na base para uma

pesquisa de qualidade para obter um entendimento claro e preciso dos fenômenos geográficos que ocorrem no cotidiano.

[...] Ressaltar a importância do trabalho de campo na Geografia não significa pregar a volta ao empirismo descolado da perspectiva de teorização, ao contrário, conceitos, teorias e procedimentos metodológicos devem constituir uma unidade orgânica e coerente no desenvolvimento dos trabalhos de pesquisas dos geógrafos [...]. (SERPA, 2006, p.21).

Todavia, apesar dessas passagens seculares, o trabalho de campo nos parece ser o maior recurso didático enquanto ciência geográfica independentemente de correntes filosóficas. Mesmo diante de grandes críticas aos métodos utilizados pela geografia, descritivo, quantitativo, teórico, esta ação de fazer geografia (a pesquisa de campo) não se extinguiu, apenas saiu de cena por algumas décadas com a reformulação e teorização da geografia crítica; No entanto, o trabalho de campo aprimorou-se com tempo, utilizando-se de novas técnico-metodológicas de aprender e construir o conhecimento geográfico. Atualmente essa técnica é utilizada por todos os métodos de pesquisa, tal como: Positivismo, neopositivismo, dialético, fenomenológico, pois a pesquisa de campo é uma prática interdisciplinar, sendo utilizado por várias ciências, principalmente as experimentais, no âmbito escolar e acadêmico.

Ir ao campo (mundo) é necessário agora, cabe perguntar com que ritmo, com que ética? Em meu entendimento, ritmo e a ética são respondidas pelo método, ou seja, como vemos o mundo. Assim vemos o campo pelo olhar do método escolhido, é a expressão de nossa concepção do mundo... (SUERTGARAY, 2002, p.03).

A autora mensura o quanto é importante se definir o método da pesquisa de campo e que a partir dele pode-se construir a concepção de espaço.

4.1 O trabalho de campo, uma necessidade como prática pedagógica na escola.

A Educação compreende os processos de desenvolvimento humano, nos quais cada indivíduo é preparado para conviver em sociedade. E é por meio da educação, em especial a educação escolar, que o indivíduo passa a olhar o mundo que o cerca de maneira crítica, o que resulta na busca por mudanças da realidade em que se encontra, e não apenas em uma simples adaptação. A Geografia possui um papel importante nesta formação do aluno crítico, contribuindo para que ele consiga pensar o espaço de uma maneira mais profunda,

conseguindo enxergar além do que seus olhos lhe mostram e, dessa forma, atuar nele de forma mais eficiente e consciente.

A atribuição na realização do trabalho de campo seja nas universidades ou no ensino básico, é de extrema necessidade, os alunos de nível superior ou básico anseiam por novas formas de compreender a geografia, visto a sua complexidade e a diversidade de conteúdos. Hoje, novas preocupações e sugestões metodológicas precisam ser consideradas a fim de dinamizar o conhecimento desta ciência (disciplina), mesmo que utilizando práticas antigas como a aula de campo, mas que sejam concernentes a novos métodos de aplicabilidade ao conhecimento geográfico.

Assim, torna-se essencial que a Geografia também esteja inserida na perspectiva da educação inovadora nos espaços escolares, dando a oportunidade para que todos os alunos desenvolvam este “olhar geográfico” capaz de transformar positivamente a realidade em que se encontra e, para que tal inserção do conhecimento tenha sucesso, é preciso que os professores estejam preparados para trabalhar com a heterogeneidade de alunos e o universo de cada um deles, no que se trata o meio onde os mesmos vivem compreendendo e respeitando suas características sociais, econômicas e culturais.

Os estudantes nas escolas, por sua vez, cumprem, muitas vezes, uma série de atividades teóricas, conceituais e genéricas que desconsideram o seu próprio ambiente natural e construído (a rua, o bairro, a vizinhança), e seu próprio estado, numa vivência do espaço habitado, porém desconhecido. Para o aluno são dados sensoriais imediatos e também dados intelectuais sobre os quais é possível formar bases sólidas para a dedução e indução na constituição de um sólido conhecimento empírico e teórico da realidade. Nesse sentido, o trabalho de campo, uma vez planejado e construído com a incorporação dos alunos na elaboração, se revela uma rica ferramenta de ensino em aulas de geografia, seja no ensino básico ou superior.

Nas aulas de geografia é comum, os alunos estudarem lugares distantes e famosos como: Nova York, São Paulo ou exóticos e pouco habitado como: as montanhas do Nepal, deserto do Saara e desconhecerem suas próprias paisagens. Os livros didáticos apresentam diversas paisagens do espaço mundial aos alunos. Há aspectos positivos nessa abordagem, deve-se conhecer os espaços geográficos, contudo pode ser danoso para o conhecimento por abstrair o espaço local. Taxada assim pelos alunos como disciplina enfadonha fora da sua realidade.

Segundo Callai (1999, p.57) a geografia é uma ciência social. Ao ser estudado tem de considerar o aluno e a sociedade em que vive. Não pode ser uma coisa alheia, distante, desligada da realidade.

Os professores, contudo, devem aproximar a realidade local do aluno com atitudes pedagógicas, críticas e inovadoras diante das limitações do livro e da grade curricular imposta pelo modelo de educação. Embora, em muitos casos, os alunos sejam desconhecedores de seu próprio espaço, é comum ver paisagens e contextos sócio-ambientais dos alunos serem desconsiderados como uma fonte de descobertas, prazeres, curiosidades para novos saberes.

Além de melhorados em seus níveis pedagógicos e científicos, devem ter orientação mais regional, a fim de que os estudantes comecem a aprendizagem a partir da paisagem com que convivem, que visualizem diretamente e daí possam partir para a análise de paisagem nacionais e internacionais. A geografia não pode ser ensinada a partir de grandes concepções e generalizações. Ela deve dar maior atenção à do espaço, nos vários estados (ANDRADE, 1989, p.62).

O contexto espacial do aluno deve ser analisado e estudado para que ele possa melhor compreender as suas raízes, as paisagens locais, regionais, além dos problemas no que tange a economia, cultura, vida política e as bases fisiográficas do seu meio, relevo e hidrografia, vegetação, clima etc. No entanto, Cavalcanti (2002) adverte que,

A observação é uma atividade seletiva, pois depende de requisitos do observador. A relação de elementos observados, por exemplo, é feita com base em instrumentos conceituais e na sensibilidade de quem observa. Trata-se de uma habilidade que pode ser desenvolvida na escola, e particularmente na geografia, que tem nas formas espaciais (paisagem) um primeiro nível de análise do próprio espaço (CAVALCANTI, 2002, p.82).

O trabalho de campo desperta uma necessidade proposta de interdisciplinaridade a fim de que seja feito nas escolas, tanto para preencher esta lacuna do livro didático, que não faz uma abordagem local, regional, também porque o estudo do meio (aula de campo, trabalho de campo) é uma excelente técnica de ensino-aprendizagem, e mais, conhecer o próprio lugar é uma construção do saber e de cidadania. As aulas de geografia devem ensinar o aluno a “rever” o seu espaço com um olhar mais atento e aconchegante. Do rearranjo dos elementos da natureza diante da ocupação humana, o poder público, da geo- história de seu cotidiano, passando pela poluição ambiental e até a caracterização física do espaço, tudo isso deve constar na compreensão do aluno sobre seu meio.

O trabalho de campo, como recurso didático, fornece ao professor uma oportunidade de sair da rotina das aulas tradicionais, despertando o interesse dos alunos pela disciplina, pois, estando em contato com o meio, procurarão constatar a veracidade da teoria explicada em sala de aula, desenvolvendo os pensamentos reflexivos, procurando respostas para as dúvidas que surgem durante a pesquisa e assim, construindo o conhecimento de forma prazerosa.

Sobretudo, a retirada dos alunos da escola desperta uma curiosidade mesmo que os alunos já tenham visto os lugares, a paisagem, a visita ao campo torna-se mágica, ao passo que o campo reaviva e instiga o aluno a observar seu espaço e vislumbrar os lugares, as paisagens, construindo assim um novo olhar geográfico, relevando, sobretudo, a importância do estudo do meio como ação pedagógica de caráter popular, disciplinar e analítico.

4.2 A realização do campo, uma vivência do espaço habitado ao desconhecido.

Todo professor sabe que o trabalho de campo na Geografia é fundamental no processo de ensino/aprendizagem, pois é através do contato com a realidade que o aluno compreende a teoria transmitida, fixando-a em sua memória, e expõe dúvidas que não surgiriam dentro da sala de aula. Assim, o aluno pode ter bons conhecimentos dos conceitos de topografia, coordenadas (localização), interação entre homem e meio ambiente, mas, se não colocá-los em prática, essas informações caem no esquecimento e o aluno não conseguirá compreender corretamente os fenômenos geográficos que acontecem no seu dia-a-dia.

Partindo dessas implicações e conceituações sobre o trabalho de campo, foram realizadas análises dessa técnica no ensino de geografia na Escola Cenecista São José, a fim de observar a utilização da aula de campo como um recurso pedagógico no processo de ensino-aprendizagem. O trabalho de campo da presente escola estava vinculado ao projeto CARTOGRAFIA, “UM NOVO OLHAR GEOGRÁFICO” que teve como proposta dinamizar o ensino de geografia na Escola Cenecista São José. A aula de campo foi utilizada como uma das técnicas para sanar a problemática da dificuldade dos alunos em localizar-se e orientar-se, encontrados principalmente nas séries de 8º e 9º ano do ensino fundamental II.

Na construção do projeto, foi proposta a realização do trabalho de campo a fim de aproximar o aluno do conteúdo, partindo essencialmente de sua realidade local e regional, conhecendo as particularidades de seu distrito, cidade, mesorregião, estado. A proposta inicial

foi de observar as principais dificuldades dos alunos diante da sua realidade enquanto região, estado, o que eles conheciam, e a partir dessas reflexões foi construído com os alunos uma aula de campo que integrasse todas as dificuldades apresentadas por eles, logo o campo seria realizado em dois momentos no primeiro semestre para a Costa Litorânea (leste) e no segundo semestre para o Sertão (Oeste) que abrangeria os seguintes conteúdos: Localização e Orientação, Unidades Geomorfológicas, Divisão Regional (as mesorregiões paraibanas), Clima, Hidrografia e Organização Espacial das Mesorregiões da Paraíba, respaldado nas categorias de análise da geografia, Lugar, Paisagem, Região.

Desta forma, foram inseridos, paralelos aos conteúdos propostos pelo livro das séries 8º e 9º ano do ensino fundamental II conteúdos sobre Geografia da Paraíba nas aulas de Geografia, com intuito de fazer o aluno conhecer seu Estado e, por sua vez, unir os conteúdos de Localização e Orientação partindo prioritariamente como uma proposta de sanar esta lacuna provocada desde as séries iniciais, além de integrar os conhecimentos regionais, físicos, culturais e sociais. O trabalho de campo é inerente à aproximação da realidade em que o aluno vive abstraindo a forma de aprendizado tradicional aplicado, normalmente, em sala de aula por meio do livro x aula expositiva, a aproximação do campo é posta de forma contundente por um dos maiores autores do pensamento pedagógico Paulo Freire que, repudiava a Educação do conhecimento pelo conhecimento, usando o termo “Educação bancária”, o educando teria que compreender, unir, ligar o conhecimento a partir de sua realidade.

Essa foi a proposta da Aula de Campo do projeto “Cartografia, um novo olhar geográfico”. O projeto não abordaria apenas os aspectos físicos, mas sim, como citado o social, cultural e histórico de modo que os alunos realizaram diversas leituras acerca do espaço paraibano, além da utilização de mapas, Atlas e maquetes no laboratório de geografia da escola.

4.2.1 As paisagens do Agreste ao Litoral paraibano

A realização da primeira aula de campo se deu no dia 10 de maio de 2007, com destino a João Pessoa, o público alvo foram os alunos do 8º e 9º ano, além de contar com a professora de geografia do ensino fundamental, mentora da aula de campo e um monitor voluntário (Estudante da Universidade Estadual da Paraíba do curso de Geografia) do projeto CARTOGRAFIA, “UM NOVO OLHAR GEOGRÁFICO” e da professora de História.

Os alunos recebiam material didático produzido pela professora seguido de roteiro com a presença dos conteúdos em que estabelecia pontos de paradas estratégicas para a exposição dos conteúdos. O roteiro da aula de campo estava fundamentado pelos conteúdos expostos em sala de aula para os alunos e foi cumprido rigorosamente cada lugar.

SÃO JOSÉ DA MATA – JOÃO PESSOA – CABEDELO – PB

1º MOMENTO DO ROTEIRO

- Distrito de São José da Mata
- Campina Grande
- Riachão do Bacamarte
- Cajá
- 1º Parada (Vale do Rio Paraíba)
- Santa Rita

2º MOMENTO DO ROTEIRO (Percurso urbano em João Pessoa e Cabedelo)

- Cidade Histórica (Hotel Globo, Mosteiro de São Francisco e Praça histórica).
- Farol de Cabo Branco/ Ponta do Seixas.
- UFPB-LOGEPA (Laboratório de Geografia da Paraíba)
- Cabedelo/ Porto
- Praia do Jacaré (Estuário do Rio Paraíba/ Restinga de Cabedelo)

O seguinte roteiro foi baseado no material utilizado pela professora Margarida Magalhães da disciplina de Geomorfologia da Universidade Estadual da Paraíba, em que a práxis da disciplina utiliza o campo como uma ferramenta fundamental para o componente curricular vista a heterogeneidade geomorfológica e paisagística, dentre outros.

Durante o percurso da viagem, fez-se uma relação dos conteúdos estudados em sala, através de vários recursos didáticos, mapas, bússola, GPS. O mapa da Paraíba era o foco da abordagem associando as paisagens observadas e a divisão das mesorregiões que seguia dessa maneira: Agreste Paraibano e Mata Paraibana, no percurso da BR 230, contemplava as seguintes cidades: Campina Grande, Riachão do Bacamarte, Cajá, Santa Rita e Bayeux onde eram expostos assuntos como a organização espacial da cidade, a localização, relevo e clima, assim fundamentando o aluno com informações de lugares parcialmente conhecidos por eles.

As considerações sobre o Agreste da Borborema ficaram a cargo da professora de geografia que, junto ao material didático e, sobretudo, as paisagens durante o percurso enfatizou as seguintes considerações: São José da Mata e Campina Grande estão situados na Zona Centro Oriental da Paraíba no Planalto da Borborema, no trecho mais alto de suas escarpas, a cidade de Campina Grande apresenta uma privilegiada localização, equidistante em relação a todos os principais centros do Nordeste, com 7° 13' 11" de latitude Sul e 35° 52'31" de latitude Oeste de Greenwich. Campina Grande é a maior e mais importante cidade do interior do Norte/Nordeste do Brasil. Polariza um universo de cinco microrregiões homogêneas, num total de 23.960Km², que corresponde a 43% do território paraibano e 40% da população do Estado. O "Compartimento da Borborema" do Planalto da Borborema, geomorfologicamente, encontra-se no maciço da Borborema que possui escarpas na frente oriental do planalto uma extensa superfície elevada aplainada que se estende a leste até o limite das suas encostas ocidentais com o Pediplano Sertanejo e ainda na forma de maciços residuais pouco extensos/ serras e inslbergs.

As altitudes médias do planalto variam de 200 a 1.010 metros. O clima é úmido, com chuvas constantes, de efeito orográfico com a variação de 800 mm em virtude das elevadas altitudes na escarpa oriental da Borborema. O conjunto geomorfológico, formado pela superfície elevada da Borborema, configura uma ampla área planáltica, englobando as regiões conhecidas como Agreste, Cariri e Seridó, as altitudes gerais são de ordem 600/ 700 metros, no centro-norte compoendo os municípios do Agreste, inclinndo-se para o sul, a altitude diminui de 400 a 500 metros em direção ao Rio Paraíba. A vegetação dessa região é constituída originamente por mata subcaducifolia de transição, com espécies xerófilas da caatinga e algumas espécies de mata úmida, destaca-se a mata de São José da Mata, caracterizada como uma mata de transição, atualmente essa formação da vetação está degradada pelo homem pelo mau uso do solo. Foi observada toda essa característica até a entrada do município de Cajá, em que inicia a unidade geomorfológica da depressão sublitorânea.

Além das características físicas concernentes à paisagem foi possível destacar as carcterísticas sociais como as diversas pequenas propriedades na região, bem como os sítios arquitetônicos e a criação do gado, o pisoteio que compacta o solo provocando a degradação através da impermeabilização, assim como a construção de diversos condomínios rurais para lazer na BR 230. Estas considerações foram pontuadas pelos alunos com questionamentos sobre a região observada e verificada com atenção dada aos assuntos expostos antes e durante a aula de campo.

Fazer trabalho de campo representa, portanto, um momento do processo de produção do conhecimento que não pode prescindir da teoria, sob pena de tornar-se vazio de conteúdo, incapaz de contribuir para revelar a essência dos fenômenos geográficos. Neste sentido, trabalho de campo não pode ser mero exercício de observação da paisagem, mas partir desta para compreender a dinâmica do espaço geográfico, num processo mediado pelos conceitos geográficos (ROCHA LEÃO, 2006, p.57).

A primeira parada do percurso após diversas exposições e diálogos foi na cidade Caldas Brandão no distrito de Cajá, no limite entre a Mesorregião do Agreste e Mata paraibana, mais necessariamente no Vale do Rio Paraíba (figura 15).



Figura 15. Vale do Rio Paraíba
Aula de Campo: 10/04/2007/ Fonte: Elisangela Alves

As exposições neste momento ficaram a cargo do monitor do Projeto “CARTOGRAFIA, UM NOVO OLHAR GEOGRÁFICO” que fez algumas considerações acerca do Rio Paraíba, de maneira que os alunos puderam observar o rio em seu baixo curso e as formas de agressão ambiental, os bancos de área, a degradação da mata ciliar (figura 16).



Figura 16. Baixo curso do Rio Paraíba

Aula de Campo: 10/04/2007/ Fonte: Elisangela Alves

Além de destacar a transição do clima, onde era perceptível o intenso calor e a umidade caracterizados assim por clima quente-úmido, as explicações do monitor, sobretudo, estavam pautadas no material didático que os alunos receberam, pois o **Rio Paraíba** é um dos mais importantes do estado devido à sua extensão e sua relevância econômica, também é chamado Rio Paraíba do Norte, e em um dado momento da história o Rio Paraíba recebeu o nome de *Rio São Domingos* pelos portugueses, mas o seu nome não vigorou e continuou a chamar-se em Tupi Rio Paraíba que significa rio mau de trafegar, justamente porque o rio desaparece parcialmente em épocas de seca, embora a partir de seu médio curso ser sempre perene. Ele Nasce na Serra de Jabitacá, no município de Monteiro, a mais de mil metros de altitude, e percorre toda a região centro-sul do estado, banhando uma área de 20.071,83km². É a segunda maior bacia do estado da Paraíba e abrange 38% do seu território, abrigando 1.828.178 habitantes, o que corresponde a 52% de sua população total. O Rio Paraíba banha dezenas de municípios e cidades importantes, passando pela região mais urbanizada e industrializada do estado. Em sua área de abrangência estão incluídas as cidades de João Pessoa, a capital, e Campina Grande, seu segundo maior centro urbano. Seu curso total tem 380 km e segue o sentido sudoeste-leste, quando então deságua no oceano Atlântico, entre os municípios de Cabedelo, Lucena, Santa Rita, Bayeux e João Pessoa.

Os alunos em seus semblantes expressavam saber, aprendizado; era explícitas a atenção e satisfação de conhecer o desconhecido, sobretudo, fenômenos físicos geográficos que existem em sua região.

O trabalho de campo seguiu com novas paisagens agora na Unidade Geomorfológica da Depressão Sublitorânea, um dos primeiros destaques foi à forma plana da rodovia, caracterizada com altitude média de 100 metros em relação ao nível do mar. Embora a descrição física tenha sido apontada, a abordagem de cunho organizacional do espaço nessa região prevaleceu, visto os diversos canais observados nas paisagens caracterizados desde o Brasil colônia, conhecida como região de concentração fundiária no estado da Paraíba representado por latifúndios e pela monocultura da cana-de-açúcar. Ao passo que do percurso nessa região os alunos observaram queimadas e os trabalhadores de canal, surgindo, pois, questionamentos acerca da temática preservação que, logo após nas proximidades de João Pessoa, os alunos foram contemplados com uma faixa de florestas de Mata Atlântica, chegando assim a capital, onde o 2º momento do roteiro no percurso urbano em João Pessoa e

Cabedelo seriam realizados a 2º parada no centro histórico da cidade. A professora de História fez suas exposição sobre lugares como mostra as figuras 17, 18, 19, 20.



Figura 17 e 18. Centro Histórico, à esquerda Mosteiro de São Francisco, à direita Terraço do Hotel Globo com vista para Rio Sanhauá.

Aula de Campo: 10/04/2007/ Fonte: Elisangela Alves



Figura 19 e 20. À esquerda Rio Sanhauá, À direita casa da Pólvora.

Aula de Campo: 10/04/2007/ Fonte: Elisangela Alves

Fundada em 1585 com o nome de Cidade de Nossa Senhora das Neves, João Pessoa é a terceira cidade mais antiga do Brasil e também a última a ser fundada no país no século XVI. A cidade é também notável pelo clima tropical, agradável para turistas, por ser a maior em economia (indústrias, comércio e serviços) e arrecadação de impostos para o estado, pela beleza de suas praias e especialmente, pelos belos e vários monumentos de arquitetura e arte barroca. Como já citado, a cidade possui um acervo cultural dos mais importantes do país. São construções do século XVI ao XVII com o conjunto de São Francisco (Igreja, Convento/Claustro e cruzeiro), Mosteiro de São Bento, Igreja do Carmo, Casa da Pólvora e outros, além de obras mais recentes do final do século XIX e início do atual, tal como o Hotel Globo, local de grandes acontecimentos políticos e sociais da Antiga João Pessoa. O hotel

globo era uma antiga residência transformada em hotel em 1929. João Pessoa possui características do antigo com o moderno e convivem harmonicamente.

Destaca-se no centro histórico o **Rio Sanhauá** que separa as cidades de João Pessoa e Bayeux. É um dos principais afluentes do rio Paraíba, foi em sua foz margeada pelos casarios históricos e pelos campanários de dezenas de igrejas, onde a capital paraibana nasceu, esses casarios possuem vistas privilegiadas do rio, inclusive no terraço do Hotel Globo.

Após a parada do centro histórico foi realizado um percurso no centro da cidade e em seguida pela orla em direção ao Farol de Cabo Branco, Ponta do Seixas, o ponto mais oriental das Américas. Durante esse percurso os professores foram expondo informações sobre a capital como a origem da cidade, a formação urbana ao longo das décadas e nomes turisticamente conhecidos como "a cidade onde o sol nasce primeiro", devido ao fato de no município estar localizada a **Ponta do Seixas**, o ponto mais oriental das **Américas**. A terceira parada foi uma das mais importantes para aula de campo em função da dificuldade dos alunos em localiza-se, pois eles estariam na culminância do leste paraibano e brasileiro como mostra as figuras 21, 22 e 23.



Figura 21 e 22. À esquerda, ponto mais Oriental das Américas, a direita Farol de Cabo Branco.
Aula de Campo: 10/04/2007/ Fonte: Elisangela Alves



Figura 23. Alunos em Ponta dos Seixas.
Aula de Campo: 10/04/2007/ Fonte: Elisangela Alves

Dadas as dificuldades dos alunos, foram apresentados em Ponta dos Seixas, com auxílio do mapa do Brasil a localização do estado da Paraíba, onde se encontra na Região Nordeste, entre os paralelos de 6° a 8° graus de latitude sul, e entre os meridianos de 34° e 38° graus de longitude oeste, portanto, totalmente na Zona Tropical, ainda foi dado a localização de João Pessoa sob as coordenadas de 7° 05'00 de Latitude sul e 34°47'30" Longitude oeste. Além de observar as questões ambientais da falésia viva de Cabo Branco que encontra-se em decomposição devido a erosão abrasiva.

Essa parada no campo foi um dos momentos mais importante do trabalho tendo em vista que os alunos puderam concretizar seus conhecimentos acerca do que tinha sido fomentado pela professora em sala, integrando o teórico com a prática. Sobretudo o fato de estar no lugar onde permitia o educando sanar suas dúvidas do papel sendo vislumbrado e concretizado pela paisagem, a partir de informações previamente apresentadas no laboratório de geografia, onde as aulas sobre geografia da Paraíba aconteciam, com a utilização de mapas, Atlas.

Enquanto recurso didático, o trabalho de campo é o momento em que podemos visualizar tudo o que foi discutido em sala de aula, em que a teoria se torna realidade, se “materializa” diante dos olhos estarecidos dos estudantes, daí a importância de planejá-lo o máximo possível, de modo a que ele não se transforme numa “excursão recreativa” sobre o território, e possa ser um momento a mais no processo ensino/aprendizagem/produção do conhecimento (MARCOS, 2006, p.106).

Ao longo do trabalho de campo, o que mais se destacava era o empenho do aluno em saber o que mais iriam conhecer no sentido amplo desse verbo transitivo direto, sentir, experimentar, apreciar, reconhecer em cada lugar, paisagem em que puderam conhecer.

Seguindo o ritmo do conteúdo localização e Orientação à aula prosseguiu seu percurso no sentido da Universidade Federal da Paraíba, especialmente no Laboratório de Geografia da Paraíba (LOGEPA). O laboratório tem, em suas propostas, atender escolas que visam aprimorar os conteúdos de geografia na escola, com formação para professores e visitas dos alunos. O laboratório possui diversos recursos didáticos, dentre eles, o principal recurso didático pedagógico é a maquete do estado da Paraíba, a maquete compreende a escala de 1:100. 000 vertical e de 1:10. 000. Ela foi confeccionada em isopor recoberto por uma massa feita com “pó de serra”(pó de madeira) peneirado e misturado com cola branca. A maquete tem como base as curvas de nível e rede de drenagem (figura 24).



Figura 24. LOGEPA (Maquete do Estado da Paraíba).
Aula de Campo: 10/04/2007/ Fonte: Elisangela Alves

A maquete foi construída em dois anos, por alunos bolsistas de extensão universitária, por professores do departamento de Geociências da UFPB e UEPB. O laboratório é coordenado pela professora Doutora Maria de Fátima Ferreira Guedes, além de professores do departamento de geociências e bolsistas da Universidade Federal da Paraíba, além dos professores do ensino fundamental e médio do ensino básico, voluntário.

A permanência dos alunos no laboratório foi expressivamente enriquecedora no sentido cognitivo, tendo em vista a aula realizada pela professora coordenadora do laboratório e das alunas bolsistas acerca das temáticas, Orientação e Localização, Unidades Geomorfológicas da Paraíba, Relevo, Vegetação, Clima, Bacias hidrográficas, Regiões da Paraíba e atividades econômicas. Os alunos logo puderam observar outras maquetes de diversos lugares da Paraíba, assim como fotos e maquete de vidro, acompanhados pelas explicações dos monitores e da Professora Nadjacléia, professora do componente curricular SIG na Universidade Estadual da Paraíba, como mostra as figura 25 e 26.



Figura 25 e 26. À esquerda e direita aula pelo monitores do Laboratório (LOGEPA)
Aula de Campo: 10/04/2007/ Fonte: Elisangela Alves

Logo após as considerações realizadas no LOGEPA, o trabalho de campo prosseguiu em direção a Restinga de Cabedelo, onde, durante o percurso até a cidade de Cabelo a qual

encontra-se nas proximidades de João Pessoa tendo em vista que compõe a Unidade de Relevô, Planície Litorânea e também integrada à região metropolitana de João Pessoa, os alunos puderam verificar áreas de conservação e reservas florestais como a Mata do Buraquinho e no município de Cabedelo a Mata do Amém, caracterizou durante a Eco 92, conferência da ONU sobre o meio ambiente, João Pessoa e Regiões próximas como a segunda cidade mais verde do mundo. Segundo um cálculo baseado na relação entre número de habitantes e área verde, a cidade perderia apenas para Paris.

Na cidade de Cabedelo foram observados alguns pontos como o Forte de Santa Catarina e o Porto o que caracteriza a cidade importante para a história e economia paraibana. A aula seguiu para a praia fluvial do Jacaré onde se encontra o estuário do Rio Paraíba, em seu [estuário](#) encontram-se dezenas de desembocaduras de outros rios, [manguezais](#), o [Porto de Cabedelo](#), escoadouro da capital paraibana e também [ilhas](#), como [Ilha da Restinga](#), [Ilha Stuart](#), [Ilha Tiriri](#) como segue a mapa e as figuras 27, 28 e 29.

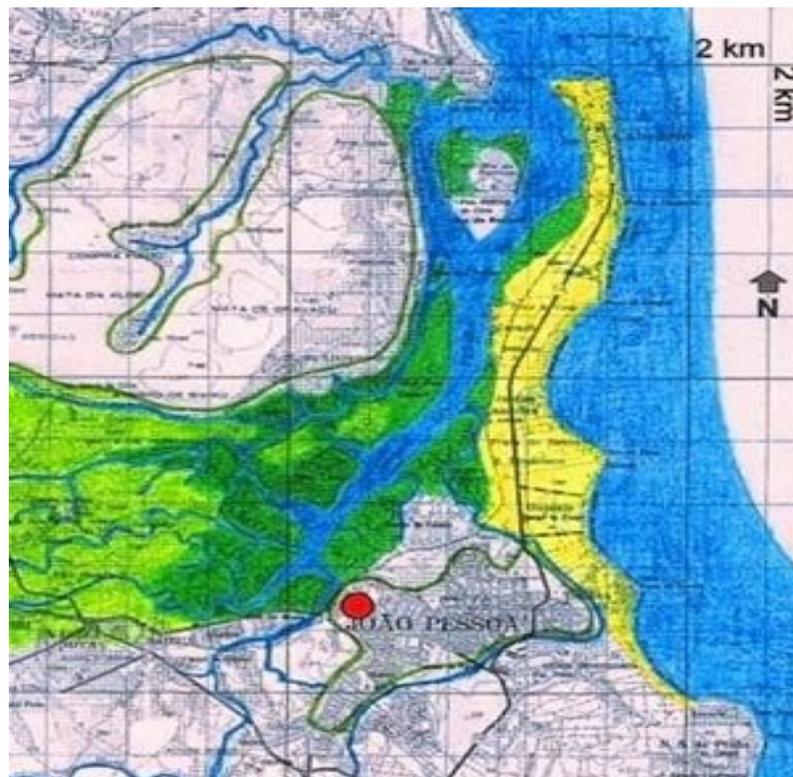


Figura 27. Estuário do Rio Paraíba/Carta topográfica 1976

Fonte: Material Didático (Por Margarida Magalhães)



Figura 28, 29. À esquerda alunos CNEC (Estuário Rio Paraíba), à direita Pôr do Sol Praia do Jacaré.

Aula de Campo: 10/04/2007/ Fonte: Elisangela Alves.

O aprendizado coletivo do trabalho de campo unido ao prazer do aluno em constatar tudo que se foi mediado em sala de aula, nos permite compreender a preocupação do professor em dinamizar as aulas de geografia com práticas antigas como o trabalho de campo, contudo, com técnicas inovadoras. O mais belo é compreender que a geografia possui o maior recurso didático: O Espaço, onde nele podemos observar os diferentes lugares por diferentes óticas. O conhecer, aliás, construir o conhecimento a partir dessas técnicas, aproximando o educando da sua realidade, da cultura, história, foi a concepção fomentada ao longo da 1º e 2º aula de campo do projeto Cartografia, “Um novo olhar geográfico”.

4.2.2 O SERTÃO “paisagem do interior”

O segundo momento da aula de campo aconteceu no período de 07 a 08 de dezembro de 2007 no percurso do sertão paraibano a fim de analisar as diversas paisagens sertanejas, assim como de agregar conhecimento aos assuntos veementes expostos em sala sobre o Oeste do estado.

A elaboração do segundo trabalho de campo foi construída junto à direção da escola, professora de geografia, monitor do projeto e alunos que já participaram do primeiro trabalho de campo, cujo roteiro foi dividido em dois momentos como segue.

1º MOMENTO DO ROTEIRO

- Distrito de São José da Mata
- Soledade

- Juazeirinho
- Assunção
- Desterro
- Taperoá
- Teixeira
- Maturéia
- 1º Parada (Pico do Jabre)
- 2º Pedra do Tendó
- Patos
- Malta
- Condado
- Pombal
- Souza
- Cajazeiras
- 3º Parada São João do Rio do Peixe (Estância termal Brejo das Freiras)

2º MOMENTO DO ROTEIRO (Geo histórico)

- Cajazeiras
- 4º Parada Souza (Vale dos Dinossauros)

Um cuidado na construção do segundo campo foi de não torná-lo uma viagem turística em função da distância, período e hospedagem em hotel. Pois, para realização do trabalho de campo foi fomentado pela professora e monitor do projeto, durante os cinco meses que antecederam a realização, o cuidado de manter vivo o êxtase pela geografia, assim como permanecer com os procedimentos de aulas em que concomitante aos conteúdos programados do 8º e 9º ano houvesse aulas sobre Geografia da Paraíba, um detalhe importante é que os alunos conseguiam fazer uma ponte entre os assuntos programados e os assuntos sobre a Paraíba.

O sertão em particular é uma das paisagens mais bonitas e próximas do Agreste, pela sua vegetação, relevo e organização espacial de cada município. Desse modo, o campo foi construído a partir dos conteúdos abordados no primeiro trabalho: Localização e Orientação, Unidades Geomorfológicas, Divisão Regional (as mesorregiões paraibanas) Clima,

Hidrografia e Organização Espacial das Mesorregiões da Paraíba, agora no Oeste Paraibano, como ditam os poetas nordestinos e paraibanos pelas paisagens do interior.

O percurso do campo segue por várias cidades de paisagens homogêneas, ainda na Borborema, Soledade, Juazeirinho, Assunção, Taperoá, porém, as cidades apresentam aspectos de vegetação de semi-árido, característico do sertão nordestino. Como afirma Ab`Saber (2003, p. 30) “...O caso do Nordeste semi-árido, depara-se com o arranjo clássico, homogêneo e monótono da paisagem peculiar às áreas de savanas”.

O sertão, segundo a história, a ocupação dessa região se deu pelos índios Cariris e Tarairús cuja valentia era grande e foi difícil para os europeus dominarem a região, no entanto, foi ocupado para a criação do gado, o europeu também denominaram esta etimologia Desertão, para eles parecia um deserto, assim, com o tempo tornou-se Sertão. De feições acaatingada com muitas espécies como baraúnas, angicos e aroeiras, de origem arbustivo-arbórea, mas que ao longo da ocupação do solo, em razão da criação do gado e agricultura. A caatinga atualmente encontra-se quase como uma formação de tipo arbustiva esparsa, com predomínio de favela, marmeleiro, pereiro, Jurema preta, macambira, mandacaru, xiquexique.

Os solos dessa região do oeste da Borborema denominada de sertão são rasos e pedregosos. Em algumas regiões de serras isoladas como Teixeira e Santa Luzia as precipitações ficam em torno de 900 mm e 1000 mm, a umidade relativa do ar e do solo, ajudam na formação de solos menos rasos e com mais acumulação de argila. Desenvolve-se nessa região a Mata Serrana, característica da primeira parada do trabalho de campo: O pico do Jabre, como segue as figuras.



Figura, 30. À esquerda Pico do Jabre (Maturéia), à direita alunos Cnec (Pico do Jabre).

Aula de Campo: 07/12/2007/ Fonte: Elisangela Alves.

O Pico do Jabre encontra-se no maciço residual de forma individualizada como já citado, separados por depressões tectônicas ou pediplanadas e altitudes médias entre 500/800 metros representadas pelas serras paraibanas, com sucessão de cristas. A serra de Teixeira, uma das mais conhecidas no interior da Paraíba possui altitude média de 700 metros, onde se

encontra a saliência do Pico do Jabre com 1.197 metros de altura, cujo ponto é o mais alto da Paraíba e o terceiro ponto mais elevado do Nordeste brasileiro. É uma unidade de conservação localizada no município de Maturéia.

Nesta parada, professores e alunos subiram o pico a pé para poder evidenciar as mudanças da vegetação e desfrutar as paisagens de mata serrana e da caatinga, rios e fontes de água mineral. Do alto do pico tem-se uma visão completa do vale, com excelente visual da topografia do Sertão Paraibano tal como a depressão sertaneja e cidades circunvizinhas, além do limite do estado da Paraíba e Pernambuco, como mostra as figuras 31, 32.

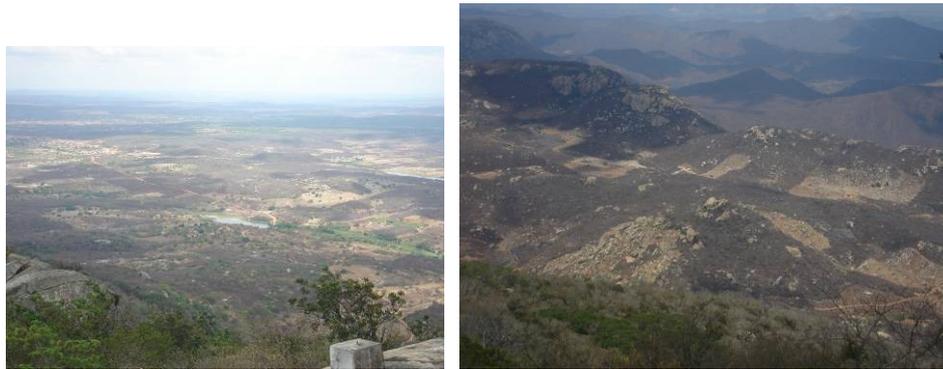


Figura 31, 32. À esquerda Pico do Jabre (vista de vários municípios da região), à direita à topografia da região pelo Pico do Jabre.

Aula de Campo: 07/12/2007/ Fonte: Elisangela Alves.

Os alunos encantavam-se com as belezas paisagísticas que o Pico do Jabre proporcionava e todo o cansaço da subida tinha sido recompensado com a visão que o sertão em seu relevo apresenta. Os professores também fizeram algumas exposições acerca do lugar e da importância na geomorfologia paraibana e localização do pico, os alunos também puderam localizar O pico do Jabre representado na Maquete do estado da Paraíba do Logepa estando na própria representação.

O trabalho de campo seguiu até a 3ª parada Pedra do Tendó, na descida da Serra de Teixeira, onde os alunos observaram a depressão sertaneja e os inselbergs no município de Patos, discutido incansavelmente pela semelhança do nome aceberg e suas diferenças em sala de aula. Nesta região os professores apresentaram a Serra muito íngreme à descida do Planalto da Borborema até a unidade de relevo da Depressão Sertaneja.



Figura 33. Serra de Teixeira (Pedra do Tendo)
Aula de Campo: 07/12/2007/ Fonte: Elisangela Alves.

O trabalho de campo presseguiu ministrado pelo monitor do projeto com exposições sobre a unidade de relevo da Depressão Sertaneja e as características dos inserbergues que decoram em torno da cidade de Patos. Os inserbergues segundo Jatobá (2003, p.135) “são moforesculturais que englobam os compartimentos de relevo freqüentemente encontrados em áreas secas atuais ou que, no passado, possuíram climas áridos ou semi-áridos”. (figura 34 e 35)



Figura 34 e 35. À esquerda e à direita Patos (Inserbergues)
Aula de Campo: 07/12/2007/ Fonte: Elisangela Alves.

Ainda por Jatobá (2003), os inserbergues são formas de relevo isoladas, encontradas sobre os pediplanos, caracterizadas como inselbergues como sendo relevos em formas de “ilhas”, pouco extensos e esfacelados, sem sistema de vales e cristas. Logo os alunos puderam sanar suas dúvidas frente ao corpo rochoso apresentado e dissociando as características míticas do conceito ACEBERG.

Do campo seguiu para a cidade de São João do Rio Peixe, cidade limite da Paraíba com o Ceará para Estância Termal Brejo das Freiras; ao longo do percurso, os alunos puderam observar a forma plana da Rodovia BR-230, onde compararam a unidade geomorfológica, planície sublitorânea em direção ao leste (João pessoa), verificaram também a homogeneidade das paisagens, como já citado por Ab`Saber (2003), caatinga xerófila e paisagens de cunho social, um homem e burro carregando água; nas cidades e vilarejos,

peessoas em suas calçadas proseando, típico do interior que se aproxima da realidade do aluno agrestino e essencialmente residente de distrito classificado pelos geógrafos urbanos como franja rural urbana. O percurso passava por cidades como, Patos, Malta, Condado, Pombal, Souza, Cajazeiras, com destaque para Patos, Sousa e Cajazeiras que foram referenciadas como centros urbanos no sertão nordestino e exercem uma influência econômica sobre as cidades circunvizinhas formando microrregiões. A próxima parada foi no final da tarde na estância termal Brejo das Freiras, onde pernотaram.

No extremo oeste do Estado, a depressão do rio do Peixe, de origem sedimentar é diferenciada pelo vasto pediplano cristalino que a circunda. É uma depressão, onde foram depositados sedimentos continentais, formando a bacia sedimentar do rio do Peixe, tem relevo quase plano, com colinas de baixa amplitude, onde se localiza a Estância Termal Brejos das Freiras.

O lugar é considerado um verdadeiro oásis em pleno sertão, com piscinas de águas minerais, lama medicinal. O hotel conta com uma estrutura simples e aconchegante, típica dos hotéis fazenda, passeios de charrete e cavalo, parque aquático, além de piscinas de águas mornas, que brotam da terra a 36,5 °C, origem de rochas vulcânicas na região, o local foi escolhido a fim dos alunos perceberem as potencialidades do sertão nordestino. A Estância Termal Brejo das Freiras desfaz a imagem de um sertão eternamente seco. (figura 35)



Figura 36. Estância Termal Brejo das Freiras (Banho de Argila Medicinal)
Aula de Campo: 07/12/2007/ Fonte: Elisangela Alves.

No dia posterior ao trabalho de campo seguiu para cidade de Sousa a fim de concluir o trabalho com a visita à Bacia Sedimentar do Vale dos Dinoussauros. Souza apresenta características particulares por sua composição.

Sousa e Uiraúna-Brejo das Freiras são bacias intracratônicas do Nordeste do Brasil, que se desenvolveram ao longo de lineamentos estruturais pré-existentes do embasamento, durante a abertura do Oceano Atlântico e possui pegadas e pistas de carnossauros, e ornitópodes. Icnofósseis de invertebrados tais como pistas e escavações produzidas por artrópodes e anelídeos também são comuns (LEONARDI e CARVALHO, 2000, p.2).

Ainda por Leonardi e Carvalho (2000), a sedimentação nestas bacias foi controlada pelos processos tectônicos regionais, desenvolveram-se na inflexão das falhas noroeste-sudoeste e leste-oeste.

O Vale dos Dinossauros, como já citado acima, possui pegadas de Dinossauros que foram descobertas por estudiosos há mais de 100 anos. O local já foi coberto por uma grande bacia fluvial e habitado por animais pré-históricos de diferentes espécies, a exemplo do tiranossauro rex, alossauros, estegossauros e iguanodontes. Também podem ser encontradas nesta área que ocupa 700m² e abrange 13 municípios de selva petrificada, vegetação primitiva, ossadas de animais fossilizados e inscrições rupestres. A figura apresenta características do Vale dos Dinossauros (figuras 36 e 37).



Figura 37 e 38. À esquerda pegada dos dinossauros (Vale dos Dinossauros), à direita Vale do Rio do Peixe.
Aula de Campo: 07/12/2007/ Fonte: Elisangela Alves.

O Vale dos Dinossauros é procurado por turistas, pesquisadores, alunos de escolas no âmbito regional, nacional e internacional, a trilha está no leito do Rio do Peixe que, por sinal, teve seu curso desviado para preservar as pegadas, que eram cobertas pelas águas no período do inverno. Lá, os estudiosos têm uma visão extraordinária do que é considerada uma das maiores concentrações de pegadas de animais pré-históricos do mundo. (figuras 37 e 38).



Figura 39 e 40

. À esquerda alunos CNEC no Vale dos Dinossauros, à direita réplica de Dinossauro.
Aula de Campo: 07/12/2007/ Fonte: Elisangela Alves.

A implantação do Parque Nacional Vale dos Dinossauros garantiu a preservação do lugar e criou uma infra-estrutura para atender aos ecoturistas, paleontólogos, estudantes e pesquisadores de todo o mundo. Foi instalado ainda o Centro de Visitação que conta com salão de exposições, onde há painéis temáticos, fósseis recolhidos na região, réplicas de dinossauros em tamanho natural e uma biblioteca.

A partir desses recursos, os alunos perceberam a riqueza do sertão paraibano em todos os aspectos e até mesmo desmistificaram a idéia de pobreza, seca e sofrimento, imposta incansavelmente pela mídia brasileira, além de aproximar e fazer conhecer peculiaridades de Leste a Oeste do Estado da Paraíba. Também concretizou conhecimentos essenciais para o projeto, tendo em vista a problemática dos alunos em não saberem localizar-se e orientar-se, o que foi alvo para a construção do campo, dentre outros assuntos que contemplavam o trabalho de campo nos dois momentos. O que fez deste trabalho sério foi a construção previamente realizada pelos professores, monitores em aulas concernentes aos conteúdos e a construção da idéia de um trabalho coletivo e seu objetivo, o que denota a riqueza do trabalho de campo como um dos recursos didáticos mais eficazes no ensino–aprendizagem de geografia.

A escola e o ensino de geografia traçam caminhos remediáveis no que se refere ao conhecimento e deixa de ser apenas um lugar de transmissão de conhecimento, pelo conhecimento e passa a ser um lugar de prazer em saber as novas e antigas técnicas, no que de bom deve se unir, no intuito de conquistar o educando fortemente pressionado pela sociedade contemporânea e até mesmo por este novo formato de ensino que ignora o tradicional, mas faz da geografia ciências como sociologia, história, esquecendo seu principal objeto de estudo, o espaço. Segundo De Martone (1953 *apud* SEABRA, 2007), a Geografia é a ciência que estuda a distribuição dos fenômenos físicos, biológicos e humanos pela superfície da terra, as causas desta distribuição e as relações locais desses fenômenos, e até mesmo, utiliza-se da educação

bancária como reporta Freire, em sua teoria, o professor apenas deposita, não cria, não estimula, não fecunda a educação e principalmente a geografia e suas diversas técnicas para saber, conhecer, viver.

5. CONCLUSÃO

É papel fundamental do ensino de geografia que seja repensado as práticas desenvolvidas na sala de aula e conseqüentemente na escola, tendo em vista que o espaço escolar deve ser compreendido como um instrumento necessário para o ensino de geografia, como forma de orientação do aluno à compreensão do mundo, promovendo uma relação concreta entre a teoria e a prática.

A reflexão em análise reforçou o posicionamento de que a formação se pauta pela construção de estratégias de ensino aprendizagem que se encontra com a realidade educacional concreta, estabelecendo um vínculo das práticas utilizadas nas escolas por meio de projetos no sentido que é essencial à motivação do aluno para elaboração de projetos de ensino aprendizagem em geografia que envolva proposta Teórico-prática, demonstrando, portanto, domínio teórico-metodológico, bem como condição de realização prática e empírica. É necessário assinalar a importância de tomar como referência as práticas didático-

pedagógicas e a realidade da escola básica para projetos de ensino aprendizagem em Geografia, buscando alternativas para uma ação eficaz.

As diversas práticas realizadas na escola Cenecista São José, como laboratório de geografia, a importância do desenho nas séries de 6º ano, e o estudo do meio (aula de campo), além dos diversos recursos didáticos utilizados pela professora integram o projeto de geografia criado pela professora no despertar das dificuldades durante as aulas de Geografia no sentido dos conteúdos de orientação e localização destes alunos de 6º à 9ºano. O Laboratório foi o primeiro passo e a partir dele foram realizadas diversas técnicas dentro e fora de sala de aula, o que concretizou a eficácia desses procedimentos metodológicos no intuito de sanar um problema geográfico nos alunos da Escola Cenecista São José.

Portanto, é preciso repensar o quanto à postura do professor é importante para o processo de ensino aprendizagem, pois, é a partir das inquietações sentidas que as práticas são fecundadas numa perspectiva dinâmica e interativa de desenvolver ações que minimizem os problemas de aprendizagem, atrelado à falta de motivação e recursos didáticos e estruturais oferecidas pela educação. Contudo, é necessário compreender que a Geografia possui o maior recurso didático que é o espaço, desta forma, pode-se utilizá-lo e entender que a partir dele e de práticas antigas ou inovadoras, pode-se construir o saber geográfico a começar da gênese dos conceitos, sejam eles cotidianos ou científicos, que permeiam o ato de pensar. A geografia faz uso desse método e é possível observar quantas evoluções ocorrem no uso do mais simples lápis e papel como recursos didáticos utilizados e reutilizados em sala de aula no intuito de contribuir na eficácia do ensino aprendizagem de geografia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SABER, Azis Nacib, **Os domínios de natureza no Brasil**: potencialidades paisagísticas. 1º ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ALMEIDA, Rosangela Doin de. **Do desenho ao mapa**: Iniciação cartográfica na escola. 3º ed. - São Paulo: Contexto, 2001. (Caminhos da Geografia).

ANDRADE, Manuel Correa de. **Caminhos e descaminhos da geografia**. Campinas: Papirus, 1989.

ALENTEJANO, Paulo; ROCHA-LEÃO, O. M. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p. 37-54, julho. 2006.

AZEVEDO, Veruska Karla. A Cnec no Espírito Santo: Um olhar histórico. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.21, p. 39- 43, mar. 2006.

BAITZ, Ricardo. A implicação: um novo sedimento a se explorar na Geografia? **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n.84, p. 25-50, julho. 2006.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos et. al. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 3º ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ AGB Seção Porto Alegre, 1999.

CASTROGIOVANI, A. C. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre, Mediação, 2000.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. O misterioso mundo que os mapas escondem. In: CASTROGIOVANNI Antonio Carlos. et. al, **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 3º ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ AGB Seção Porto Alegre, 1999.

_____, A. C. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre, Mediação, 2000.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. 1º Ed. Goiânia: Alternativa, 2002.

JATOBÁ, Lucivânio. **Introdução à Geomorfologia**. 4º ed. Revista e ampliada. Recife: Bagaço, 2003.

KAERCHER, N. A. A Geografia é o nosso dia - a - dia. In: CASTROGIOVANNI et. al., Antonio Carlos. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 3º ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ AGB Seção Porto Alegre, 1999.

KATUTA, A. M. A linguagem Cartográfica no ensino superior e básico. In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. et al. (orgs). **Geografia em perspectiva**. São Paulo: Editor Contexto, 2002.

LEONARDI, G.; CARVALHO, I.S. 2000. **As Pegadas de dinossauros das bacias Rio do Peixe**, PB. In: Schobbenhaus, C.; Campos, D.A.; Queiroz, E. T; Winge, M; Berbert-Born, M. (Edit.) **Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil**. Publicado na Internet em 09/07/2000 no endereço <http://www.unb.br/ig/sigep/sitio026/sitio026.htm>.

MARCOS, Valéria de. Trabalho de campo em geografia: reflexões sobre uma experiência de pesquisa participante. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84 p. 105-138, julho. 2006.

MEDEIROS, C. R. N.; GOMES, S. A. & VLACH, V. R. F. **A cartografia do professor de geografia do ensino fundamental**. Disponível em: <http://www.igeo.uerj.br/VICBG-2004/Eixo4/E4_110%20b.htm>. Acesso em: Fevereiro de 2007.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: Pequena História Crítica**. 17ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.

OLIVEIRA, Céurio de. **Curso de cartografia moderna**. Rio de Janeiro; IBGE, 1988.

OLIVEIRA, JÔ, 1944 - **Explicando a arte: uma iniciação para entender e apreciar as artes visuais**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

OLIVEIRA, Livia de. O ensino/aprendizagem de geografia nos diferentes níveis de ensino. In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. et al. (orgs). **Geografia em perspectiva**. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

OLIVEIRA, Marlene Macário de. A geografia escolar: reflexões sobre o processo didático-pedagógico do ensino. **Revista Discente Expressões Geográficas**. Florianópolis –SC, Nº02, p. 10-24, jun.2006.

PAGANELLI, Tomoko Lyda. Para construção do Espaço Geográfico na criança. In: ALMEIDA, Rosângela Doin. **Cartografia Escolar**. São Paulo: contexto, 2007.

PARAÍBA, Secretaria de Educação do Estado. **Atlas geográfico do estado da Paraíba**. João Pessoa: Grafset, 1985.

PCN's, **Pâmetros curriculares nacionais: História e Geografia**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. 3º ed. Brasília: MEC/SEF. 2001.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; Tomoko Lyda Paganelli, Núria Hanglei Cacete. **Para Ensinar e aprender Geografia**. 1º Ed-São Paulo: Cortez, 2007.

SAMPAIO, A. C. F.; MELO, A. de Á. & MENEZES, P. M. L. de. **A cartografia como disciplina do curso de licenciatura em geografia: uma discussão da formação do professor**. Disponível em: <http://www.igeo.uerj.br/VICBG-2004/Eixo4/E4_081.htm> Acesso em: Fevereiro de 2007.

SIMIELLI, Maria Helena. O mapa como meio de comunicação e a alfabetização cartográfica. In: ALMEIDA, Rosângela Doin. **Cartografia Escolar**. São Paulo: contexto, 2007.

SOUZA, Marcelo Lopes de. ABC do desenvolvimento urbano. 1º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SANTOS, Clézio. O Uso dos desenhos no ensino fundamental: imagens e conceitos. In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. et al. (orgs). **Geografia em perspectiva**. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

SEABRA, Giovanni. **Geografia: fundamentos e perspectivas**. 4º ed. Revista ampliada. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.

SERPA, Ângelo. O trabalho de campo em geografia: uma abordagem teórico-metodológica. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n.84, p. 25-50, julho. 2006.

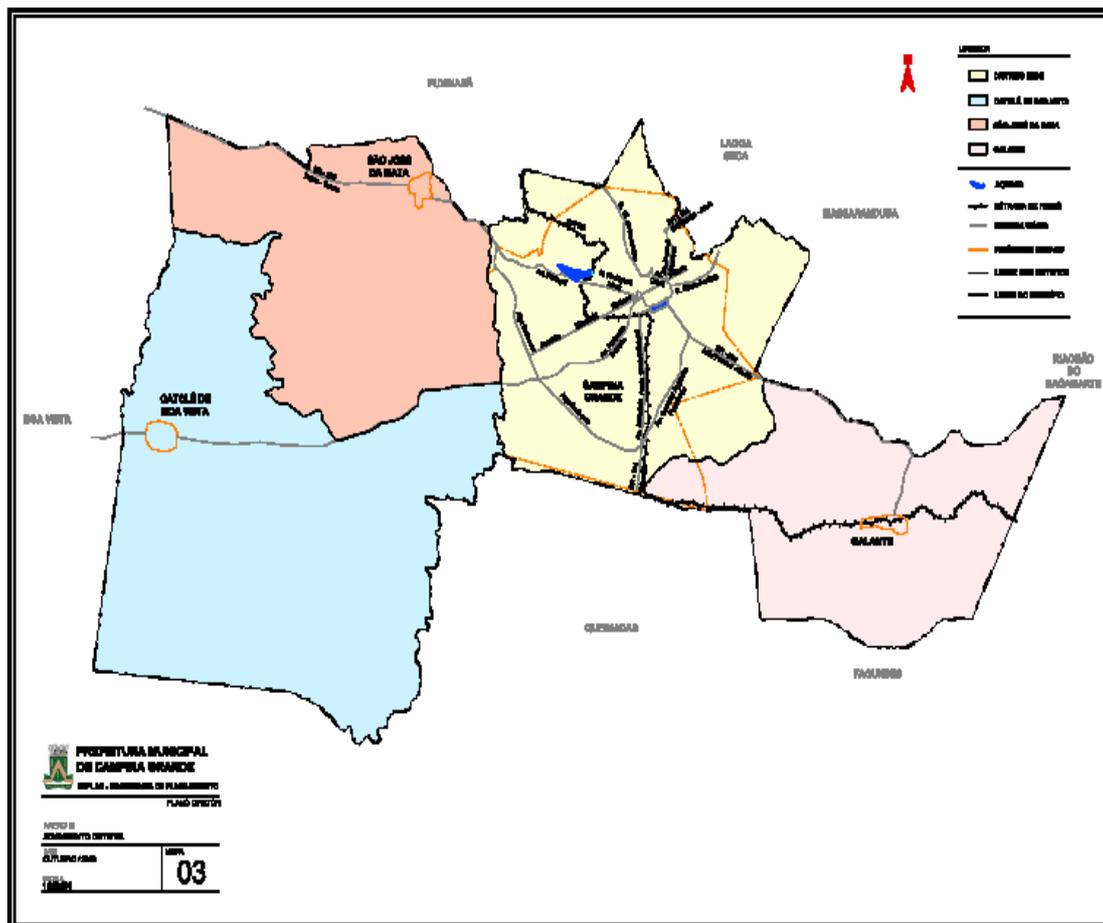
SUERTEGARAY, D.M.A. (Docente): A Pesquisa de Campo em Geografia. In: **IV Enc. Estadual de Geografia de Minas Gerais; AGB/BH e UFMG**, 2001. Minas Gerais. Anais... Minas Gerais, 2001.

VESENTINE, José William. Geografia Crítica na escola: uma perspectiva histórica. In: VESENTINE, José William. **O ensino de Geografia noséculo XXI**. 1º ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.

VLACH, V. R. F. O Ensino de Geografia Crítica no Brasil.: uma perspectiva histórica. In: **O ensino de Geografia noséculo XXI**. 1º ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.

VILLALTA, L. C. A Educação na Colônia e os Jesuítas: discutindo alguns mitos. In: Maria Lígia Coelho Prado; Diana Gonçalves Vidal. (Org.). **À Margem dos 500 Anos: reflexões irreverentes**. São Paulo: Edusp, 2002, p. 171-184.

APÊNDICE A – Distrito de São José da Mata.



APÊNDICE B – Questionário ao aluno.



Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
Centro de Humanidades Osmar de Aquino
Departamento de Geografia e História
Licenciatura Plena em Geografia
Pesquisa Acadêmica - data: ___/___/___

QUESTIONÁRIO - ALUNO

Escola: _____

Nome: _____ Série que estuda _____

1. Você gosta de desenhar?

2. Que tipo de desenho você gosta de fazer?

3. Você acha que desenhando consegue aprender o assunto mais fácil?

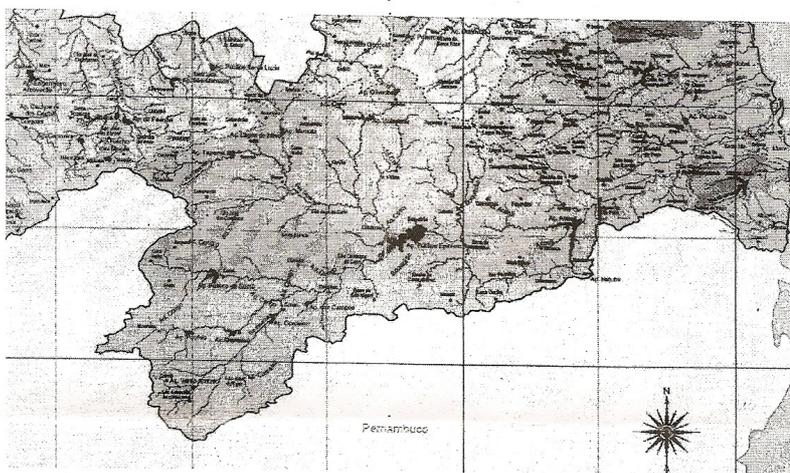
4. O professor também faz desenho nas suas aulas?

APÊNDICE C – Material didático utilizado pela professora.



ESCOLA CENECISTA SÃO JOSÉ
TRABALHO PEDAGÓGICO EXTRA CLASSE
PROJETO DE GEOGRAFIA: CARTOGRAFIA: UM NOVO OLHAR GEOGRÁFICO
PROFESSOR ADJUNTO: IAPONAN CARDINS.

A BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO PARAÍBA



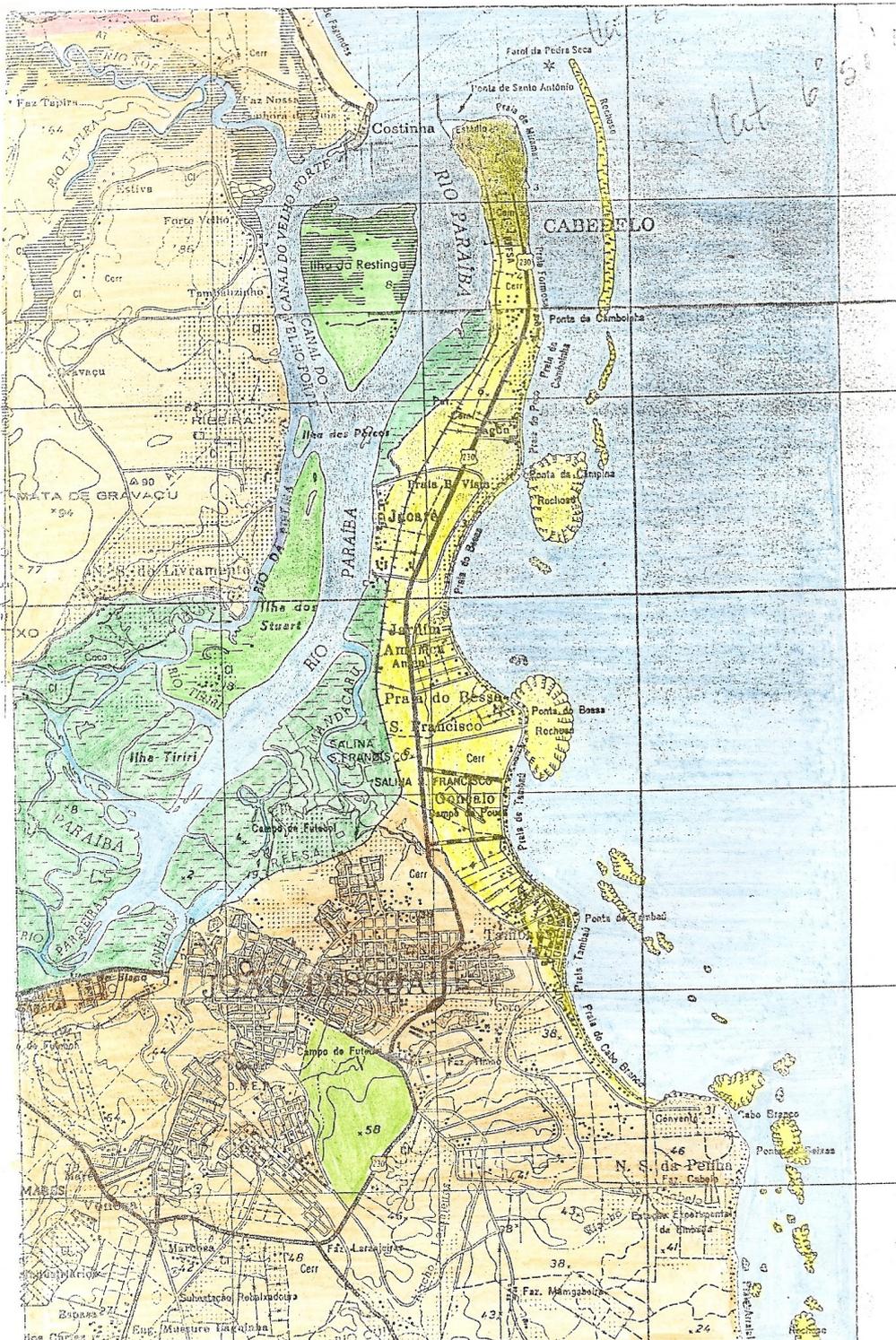
Fonte: AESA-PB

Segundo a agência executiva de gestão das águas do estado da Paraíba (AESA-PB), a bacia do rio Paraíba abrange uma área de 20.127,17 Km² que corresponde a 38% do território do estado. Sua nascente se encontra no pico da bolandeira (serra da Jabitaca), no município de Monteiro-PB. Atende a uma população de cerca de 1.894.439 pessoas, cruzando o Cariri, Curimataú até seu estuário na mata paraibana, desaguando no oceano Atlântico no município de Cabedelo. Os principais problemas da Bacia do Rio Paraíba são: A contaminação das águas, o esgotamento da capacidade produtiva do solo, a erosão generalizada, a degradação da mata ciliar e a escassez hídrica.

É necessário proteger as bacias hidrográficas, Pois delas dependem milhões de pessoas, e com a degradação das bacias a vida é comprometida.

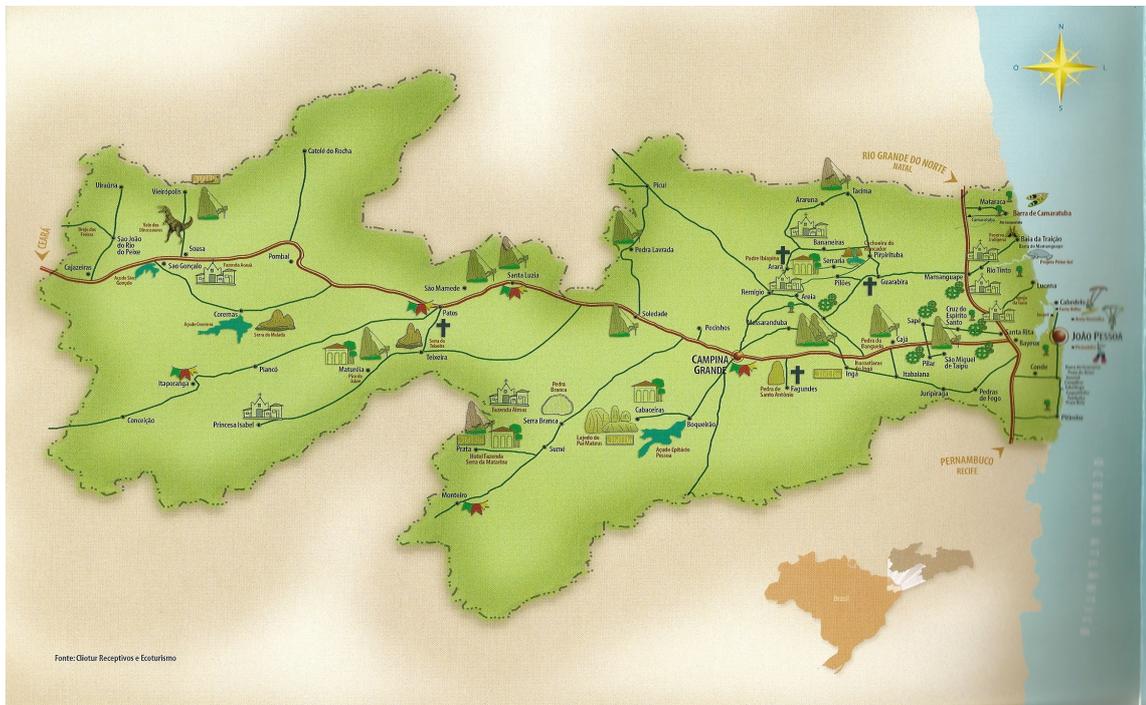
APÊNDICE D – Material didático utilizado na aula de campo.

(Carta topografica de João Pessoa)



APÊNDICE E – Material didático utilizado na aula de campo.

(Mapa de Roteiro)



(LEGENDA)

- Festas tradicionais de São João e São Pedro
- Rapel e turismo de aventura
- Ecoturismo e turismo de aventura em áreas de matas
- Hotel Fazenda
- Turismo religioso
- Inscrições rupestres
- Engenho antigo
- Patrimônio histórico-cultural
- Mergulho
- Kite surf
- Paraquedismo

Alagoa Grande	110	BR 230 e PB 079
Alagoa Nova	148	BR 230, PB's 079 e 097
Aparecida	409	BR 230
Araruna	219	BR 230 E PB's 073 e 111
Areia	126	BR 230 e PB 079
Baía da Traição	77	BR 101 e PB 041
Bananeiras	141	BR 230 e PB's 073 e 105
Bayeux	4	BR 230 ou PB 004
Boa Vista	170	BR 430 e PB 412
Boqueirão	163	BR 230, BR 104 e PB 1400
Cabaceiras	184	BR 230, BR 104 e PB 148
Cabedelo	20	km 0 da BR 230
Campina Grande	120	BR 230
Condê*	13	PB 008
Coremas	389	
Cruz do Espírito Santo	23	BR 230 e PB 004
Fagundes	118	BR 230 e PB 100
Guarabira	98	PB 073 e BR 230
Ingá	96	BR 408 pela BR 230
Lucena**	25	BR 230 e FERRY BOAT
Mamanguape	48	BR 101 e PB 041
Marcação	62	BR 101 e PB 041
Mataraca	93	PB 065 e BR 101
Maturéia	342	BR 230, BR 110 e PB 306
Monteiro	319	BR 230 e BR 412
Patos	301	BR 230
Pilões	142	BR 230, PB's 073, 075 e 077
Pirpirituba	112	BR 230 e PB 073
Pitimbu*	39	PB 008
Pocinhos	158	BR 121 pela BR 230
Queimadas	134	BR 230 e BR 104
Rio Tinto	53	BR 101 e PB 041
Santa Luzia	261	BR 230
Santa Rita	11	BR 230 ou PB 004
São João do Cariri	214	BR 412 e BR 230
São João do Rio do Peixe	482	BR 405 e BR 230
São Mamede	278	BR 230
Serra Branca	231	BR 412 e BR 230
Serraria	130	BR 230, PB's 073, 075, 077 e 078
Sousa	427	BR 230
Sumé	282	BR 230 e BR 412
Taperoá	251	BR 230, PB 228 e 238
Vieirópolis	450	BR 230 e PB's 391, 383 e 387

FONTE: IDEME - Anuário Estatístico da Paraíba / 2001
(*) DER PB - Mapa Rodoviário Via PB 008 e (**) DER PB - Mapa Rodoviário Via Ferry Boat

APÊNDICE F – Material didático utilizado na aula de campo.

